

Márson Alquati & Jacqueline Tonin Alquati



A IRMANDADE DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS



Dos autores de:
O BAÚ DAS
HISTÓRIAS FANTÁSTICAS

Arte:Eddy Khaos

A IRMANDADE
DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

MARSON ALQUATI
&
JAQUELINE TONIN ALQUATI

PRÓLOGO

Em algum lugar do Brasil, no Século XXV da nossa era (ano 2446 d.C.)...

Trovões e relâmpagos cortavam o céu do final da tarde, enquanto as primeiras gotas de chuva, grossas e geladas, começavam a desabar sobre o vulto solitário que percorria o antigo centro cultural da cidade, atualmente desabitado e relegado ao esquecimento. Pouco depois a chuva transformou-se em um intenso aguaceiro.

— Porque isso sempre acontece comigo? — Jonas indagou-se desanimado.

Ele estava ali por uma boa razão. Buscava a velha biblioteca abandonada onde deveria passar a noite, como provação para ser aceito no maior grupo de autores de ficção fantástica do seu tempo. Ele sonhara a vida toda com aquele momento. Passara boa parte da infância e da juventude lendo e se aventurando a escrever as próprias tramas no blog que mantinha, almejando um dia se tornar um escritor famoso. Então ao completar dezesseis anos surgiu a oportunidade perfeita: um conto seu, publicado no blog, fez tamanho sucesso que rendeu-lhe o inesperado convite da “*Irmandade dos Contadores de Histórias*” para se tornar membro honorário da restrita sociedade. Ele sabia que se fosse aceito, estaria a um passo de realizar o seu grande sonho, pois a organização era dona das maiores casas editoriais do mundo e detinha imenso poder junto ao mercado publicitário globalizado do século XXV. Com a ajuda dela, qualquer um, com um mínimo de competência, podia ascender do anonimato ao sucesso, de forma praticamente instantânea.

Jonas não precisou nem pensar muito. Aceitou prontamente. Mas ao aceitar, ele implicitamente acabou concordando em passar pelo tradicional ritual de iniciação da ordem que consistia justamente no sacrifício que estava prestes a fazer.

— Lembre-se de que só existe uma maneira de se entrar para a Irmandade: sob convite. E que jamais um convite como esse será enviado duas vezes para a mesma pessoa. Portanto, ou você passa a próxima noite inteira, até o amanhecer de amanhã, na antiga biblioteca abandonada, sozinho, ou pode dar adeus à vaga na Irmandade para sempre. De quebra, aconselho-o a usar o tempo para pesquisar sobre as origens da nossa confraria desde a antiga “*Irmandade dos Contadores de Histórias do Séc. XXI*” e aprender um pouco mais sobre a sociedade a qual você passará a frequentar. — dissera-lhe o grão mestre, na reunião que ambos tiveram, a portas fechadas, na manhã daquele mesmo dia, após uma longa e cansativa entrevista na qual ele tivera de apresentar e defender o conjunto de sua obra perante uma bancada de mestres da Irmandade. — Só depois disso, você estará realmente apto a integrar as nossas fileiras.

Jonas obviamente aceitara sem objetar. Não que estivesse plenamente satisfeito com o sucinto desafio, pois sabia o que as pessoas comentavam sobre o tal lugar: que era mal assombrado, etc e tal...

Jonas aceitara, confiante de que seria capaz de aguentar uma noite lá, afinal não acreditava nas besteiras que o povão dizia. Mas agora, enfrentando aquele dilúvio, ele nutria sérias dúvidas quanto a ter tomado a decisão correta.

— Calma, Jonas! Agora estamos perto. Deve ser por aqui... — murmurou consigo.

Entrou em uma rua repleta de casas antigas e desgastadas pelo tempo.

Dois quarteirões depois, e encontrou o endereço que procurava, embora o lugar não fosse, nem de longe, como esperava. A tal biblioteca indicada pelo grão mestre não passava de uma construção velha e decadente, literalmente caindo aos pedaços e coberta pela vegetação que crescia ao redor, fazendo jus ao apelido de abandonada.

Assim que confirmou estar no lugar certo, o garoto correu para a varanda do prédio a fim de escapar da chuva.

— Ainda não entendo porque tive de vir até este fim de mundo para cumprir essa

porcaria de ritual de iniciação. – ele se queixou. – Seria mais rápido, fácil e menos molhado se pudéssemos simplesmente fazer uma festa literária de iniciação na sede da Irmandade lá no centro, lendo os nossos trabalhos uns para os outros em nossos tablets... – Jonas desabafou com seus botões, ainda inconformado, sacudindo a água da roupa encharcada.

Naquele tempo, todos possuíam tablets de uso pessoal.

Empresários, profissionais liberais, estudantes, enfim todos, desde as crianças em idade escolar até os anciãos. Os cadernos, livros e canetas há muito haviam sido substituídos pelos avançados tablets. Nas escolas, cada aluno recebia gratuitamente o seu do governo ao iniciar a vida escolar. E o único material que os pais precisavam se preocupar em adquirir ao início das aulas de cada ano era um pendrive com o arquivo do conteúdo referente à série que o filho iria cursar, já que o mesmo tablet podia ser utilizado durante toda a jornada escolar do aluno em questão, até a sua formatura na faculdade.

Conforme ele tinha pesquisado na Internet, durante o trajeto do ônibus até ali, embora hoje em dia o lugar em que se abrigava da chuva e no qual teria de pernoitar se encontrasse literalmente em ruínas, desativado há décadas e abandonado às traças, ainda possuía um vasto e rico acervo literário, em suas prateleiras empoeiradas, do qual poderia usufruir para passar o tempo. Como apreciava ler, animou-se um pouco.

– E como vou entrar aí? – o garoto perguntou-se, lembrando que ninguém, em momento algum lhe dera uma chave.

Resignado, se aproximou da porta e testou a maçaneta. A abertura rangeu alto em sinal de protesto, mas não esboçou resistência nenhuma ao ser aberta, liberando-lhe a passagem.

– Acho que isto responde a minha pergunta – sorriu triunfante.

Um forte trovão serviu de estímulo para ele adentrar o prédio de vez. Surpreso,

Jonas vislumbrou prateleiras e mais prateleiras repletas de livros empoeirados e mal cuidados, alguns tão deteriorados que, ao simples toque, era bastante provável que se esfarelassem. Outros, tão cobertos de pó e de teias de aranha que não se conseguia ler nem os títulos.

— Tudo bem. Mas como vou saber onde procurar algo que valha a pena ler sobre essa tal “*Irmandade dos Contadores de Histórias do Século XXI*”? – Jonas levantou a questão.

Tudo o que ele sabia sobre o tema era que a inspiradora obra ficcional deixada pelos antigos autores da Literatura Fantástica Brasileira do Século XXI foi o pilar que deu origem no século seguinte ao mais importante e sensacional movimento literário de todos os tempos, conhecido globalmente como “*Renascença Cultural*”. Movimento este que acabou fornecendo as bases culturais para a sociedade em que ele vivia. E que foi orquestrado por uma magnífica confraria de escritores brasileiros de literatura fantástica, outrora denominada: “*A Irmandade dos Contadores de Histórias*”. Daí o nome...

Mas fora isso, ele admitiu que pouco ou quase nada sabia.

— Podemos começar abrindo as janelas! – sugeriu para si mesmo, visto que não havia luz elétrica no imóvel.

Uma a uma as aberturas foram sendo abertas e a luz expulsando a escuridão.

Foi quando o garoto avistou, no fundo da sala, sobre uma mesa de madeira de lei redonda e empoeirada, algo que lhe chamou a atenção: um enorme baú de madeira, como aqueles em que os piratas guardavam os seus tesouros, com a tampa fechada e um grosso cadeado na fechadura. Sem esquecer do pó e das repulsivas teias de aranha que cobriam o artefato. Ao lado deste, um castiçal com um par de velas de sete dias e uma caixinha de fósforos.

Ele sacudiu a cabeça rindo. Os malucos da Irmandade tinham pensado em tudo.

Jonas aproximou-se e constatou que ao lado do baú havia uma chave.

Receoso, Jonas a apanhou e inseriu na fechadura do cadeado. Em seguida girou, destravando o mesmo. Abriu a caixa e ficou perplexo com o que viu...

Ela estava repleta até a boca, mas não de livros como ele havia imaginado, e sim de originais possivelmente não publicados, impressos caseiramente em folhas A4.

— Mas que diabos significa isto? — Jonas interpelou-se assustado.

Foi então que ele percebeu algo na tampa do baú. Limpou o pó que dificultava a visualização; e então se deparou com uma brilhante placa de alumínio parafusada na parte interna da tampa, a qual trazia, em alto relevo e em letras graúdas, os seguintes dizeres:

Obra completa de:

MARSON ALQUATI & JAQUELINE TONIN ALQUATI

Membros fundadores e vitalícios da renomada:

“IRMANDADE DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS”.

Escritores brasileiros do SÉC. XXI que se consagraram dentro da Literatura Fantástica

Mundial como os precursores do movimento outrora conhecido como:

“RENASCENÇA CULTURAL”.

— Santo Deus, mas que coincidência! — Jonas exclamou maravilhado. — Não pode ser... E-essa caixa... Ela é... É, nada mais nada menos, do que o lendário “Baú das Histórias Fantásticas” dos Alquati, os famosos originais perdidos dos fundadores da “Irmandade dos Contadores de Histórias”!

Ele lera sobre aquilo em uma antiga biografia sobre os autores da placa, escrita

por uma dupla de escritores famosos do Séc. XXII que afirmavam haver encontrado aquele baú antes dele e que publicaram uma célebre antologia com alguns dos contos e textos aos quais supostamente tiveram acesso naquela ocasião. Na época em que foi publicado, “*O BAÚ DAS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS*” vendera milhões de exemplares em todo o mundo. E até o momento, três séculos depois, ainda figurava entre os mais lidos de todos os tempos...

— Eu não acredito... Que sorte! — Jonas comemorou. — Coincidência ou não, isto é exatamente o que eu precisava para aprender mais sobre a Irmandade e também uma ótima pedida para passar o tempo!

Retirou com o máximo de cuidado um dos originais do baú e soprou o pó que o cobria. Ao contrário dos demais livros da biblioteca, todo o conteúdo do baú, apesar da poeira e das aranhas, encontrava-se intacto e em perfeito estado de conservação.

Jonas sentou-se na única cadeira que encontrou pelas redondezas. Retirou o tablet escolar que havia trazido na mochila, ligando-o e ativando o gravador de som do aparelho.

E então, após limpar a garganta e acender as velas do castiçal, passou a ler, em voz alta, o primeiro maço de folhas grampeadas...

PROJETO GÊNESIS

“Todo aquele que não possuir a capacidade de aprender com os próprios erros estará fadado a repeti-los”...

I

O Apocalipse não aconteceu como as Escrituras Sagradas haviam previsto.

Foi muito pior.

Embora houvesse inúmeros anúncios e avisos que alertassem para a necessidade de se preservar a natureza, o homem simplesmente ignorou-os. Advertiram que era preciso cuidar do meio ambiente, mas ninguém levou a sério.

O resultado disso foi que a degradação ambiental chegou a tal ponto que, aos poucos, as florestas deixaram de existir, cedendo lugar a imensos desertos por todos os continentes; a camada de ozônio reduziu-se dramaticamente; a maioria dos animais silvestres e domésticos entrou em sério risco de extinção ou foi totalmente extinta; as estações do ano e o clima mudaram drasticamente; e os rios, lagos, barragens, lagoas e mantos aquíferos de todo planeta foram secando, escasseando, sendo irreversivelmente contaminados, poluídos ou esgotados. Com o tempo, até mesmo os imensos oceanos e mares começaram a perder volume e a recuar nas regiões litorâneas, expandindo ainda mais as áreas desérticas pelo globo.

E em determinado momento, a água potável também se tornou tão escassa que iniciou-se um período de austera carência do líquido vital.

As consequências não tardaram a aparecer. Em pouco tempo, entrou em vigor um severo racionamento de água. Devido à drástica e forçada redução no consumo – que passou a ser de

apenas meio copo ao dia, por pessoa – as doenças renais, infecções gastro-intestinais, das vias urinárias e as enfermidades da pele se tornaram as principais causas de morte. Os banhos de qualquer natureza foram banidos. As pessoas tinham de se limpar com toalhas embebidas em azeite mineral. Homens, mulheres e crianças passaram a raspar as cabeças e os pêlos do corpo, a fim de manterem-se mais limpos e livres de parasitas.

As roupas passaram a ser descartáveis, o que aumentou astronômicamente a quantidade de lixo acumulada. E foi preciso voltar a utilizar as fossas sépticas nas grandes metrópoles urbanas, como no passado, porque as redes de esgotos simplesmente pararam de funcionar por falta de água.

Não bastasse tudo isso, as árvores e plantas morreram, porque quase nunca chovia. E quando chegava a ocorrer uma precipitação, normalmente era de chuva ácida. Sem contar as grandes variações térmicas em que era natural registrarem-se temperaturas médias acima dos sessenta graus durante o dia e algo em torno dos trinta e dois graus negativos à noite, fator que limitava consideravelmente as condições para a manutenção da vida vegetal e animal.

E então foi a comida que começou a rarear...

As plantações não vingavam. A pecuária deixou de existir. E o pouco alimento que ainda podia ser fabricado com a reduzida matéria prima restante passou a ser 98% sintético, capaz de manter o corpo humano, mas pobre em nutrientes.

Com o passar dos anos, a aparência da população também mudou. Para pior. Corpos flácidos, enrugados pela desidratação e repletos de chagas cutâneas devido à exposição aos raios ultravioletas, que não podiam contar mais com a camada de Ozônio para filtrá-los. Os inevitáveis ressecamentos de pele faziam os jovens de vinte anos aparentarem cinquenta. A expectativa de vida caiu rapidamente para os quarenta anos. E a taxa de mortalidade infantil e de gestações interrompidas subiu para níveis alarmantes, aproximando-se dos noventa por cento.

Alterou-se a morfologia genética dos espermatozoides de muitos indivíduos. E como consequência disso, uma grande quantidade de crianças passou a nascer com insuficiências, mutações e deformações de todos os tipos. Pais assistiram a morte dos filhos sem nada poder fazer; filhos viram os pais morrerem de sede ou de doenças provocadas pela escassez de água.

A água doce tornou-se um tesouro muito cobiçado, mais do que ouro ou diamantes. As recém criadas indústrias dessalinizadoras não davam conta de atender à demanda cada vez maior do líquido vital e cobravam muito caro pela água potável que vendiam.

Guerras foram travadas entre os povos pela posse das raras nascentes ainda existentes. E milhões de seres humanos passaram a morrer diariamente em violentos conflitos armados por causa de alguns litros de água. O desemprego explodiu. A economia entrou em colapso e a atual ordem mundial começou a ser ameaçada.

Enquanto as pessoas rezavam dia e noite, implorando por uma intervenção Divina ou até mesmo por uma morte salvadora, cientistas de todas as nações estudavam possíveis soluções para o problema. Mas como não se podia simplesmente fabricar água do nada, a solução não vinha.

E foi neste momento crítico da história humana que se chegou a mais uma catastrófica conclusão: o oxigênio do planeta igualmente estava se extinguindo, uma vez que sem mares e rios e sem a fotossíntese das plantas a sua produção, já em vias de insuficiência, reduzia-se drasticamente dia após dia.

O mundo entrou em pânico. O desespero podia ser palpável em cada nação, em cada cidade, em cada rua e em cada lar. Era apenas uma simples questão de tempo, de uns poucos anos, para que a continuidade da vida na Terra se tornasse praticamente impossível.

O que significava, em outras palavras, a inevitável extinção da raça humana!

II

Mas eis que o destino havia reservado outros planos para o homem...

Em meio ao pânico explícito a que os religiosos de todas as vertentes chamavam de “*O Fim dos Tempos*” ou “*Últimos Dias*”, um renomado físico-astrônomo brasileiro descobriu, ao acaso, a existência de um pequeno planeta, na galáxia de Andrômeda, que até então passara despercebido, mas que, em uma primeira sondagem, apresentava características geológicas e atmosféricas semelhantes às da Terra.

Um enorme alvoroço tomou conta do meio científico. Foi constituída uma comissão de astrônomos, geólogos, biólogos, físicos, químicos, matemáticos e cientistas de todas as demais áreas do conhecimento humano a fim de se estudar o referido planeta.

Todos os telescópios do mundo se voltaram para ele.

Após várias semanas analisando, estudando e mapeando ininterruptamente o novo astro, as suposições iniciais do astrônomo brasileiro acabaram confirmando-se. E mais: descobriu-se água no pequeno corpo celeste!

As agências espaciais do mundo inteiro reuniram-se em prol de um objetivo comum: o “*Projeto Gênese*”, que essencialmente consistia na concepção de uma tecnologia capaz de enviar, com sucesso e em curto prazo, uma avançada sonda de monitoração até o suposto corpo celeste a fim de se comprovar a veracidade das atuais descobertas; sem descartar-se a necessidade de posteriormente conduzir o próprio homem à “*Nova Terra*”, nome pelo qual passou a ser chamado o astro recém descoberto.

Mas como alegria de pobre dura pouco...

Enquanto os estudos e as pesquisas a respeito do promissor planeta eram concluídos de forma satisfatória, os relatórios atmosféricos recentes passaram a apontar para o preocupante fato de que o oxigênio na Terra se encontrava em vias de acabar, bem antes do inicialmente previsto. O ar que ainda restava duraria, na melhor das hipóteses, uns poucos meses apenas.

Em face disso, foram construídos monstruosos centros produtores de oxigênio artificial, dotados de gigantescos pulmões eletromecânicos que funcionavam através de energia solar e energia eólica. O ar não era de boa qualidade, mas se podia respirar. E conseguiu-se prolongar por alguns meses a mais a duração do oxigênio terrestre.

Os sobreviventes de todo o planeta foram imediatamente removidos para estes centros. E os governantes passaram a cobrar pelo ar respirado, restringindo, ao máximo, a quantidade do mesmo para algo em torno de uns 140 m³ ao dia, por habitante adulto. Quem não tinha como pagar era simplesmente arrancado, com a respectiva família, das chamadas "zonas ventiladas", e deixado para morrer no deserto mais próximo.

Apesar de tudo, a solução era apenas provisória, visto que em pouco tempo, também o oxigênio artificial se esgotaria. Das duas uma: ou o "*Projeto Gênese*" deslanchava de vez e levava o homem para a "*Nova Terra*" a tempo, ou adeus à raça humana.

Pois é, costuma-se dizer por aí que quando a coisa aperta de fato, a solução aparece de onde menos se espera.

E assim foi...

A urgência da situação fez com que alguns cientistas chineses levassem apenas alguns meses para aperfeiçoar um avançado sistema de propulsão por íons que a agência espacial de seu país já vinha estudando a um bom tempo. Eles conseguiram desenvolver um sistema onde poderosos foguetes retiravam a sua energia de um reator nuclear compacto, do tipo "*fissão atômica*" que, através de pequenas explosões termonucleares, provocadas por ignição a laser e por elétrons relativistas, era capaz de transformar o combustível fóssil, baseado em hidrogênio líquido, hélio-três e deutério, em energia pura e limpa. Dessa forma, os veículos equipados com esse avançado sistema propulsor poderiam atingir velocidades muitas vezes superiores à própria velocidade da luz. E com uma autonomia de voo que, no espaço, sem as interferências das ações da gravidade e da desaceleração, acabaria se multiplicando em alguns milhares de

vezes.

Uma solução viável para enviar uma sonda exploratória não tripulada, porém inviável para uma nave tripulada, uma vez que seres vivos de qualquer natureza, ao serem expostos a tais velocidades acabariam se desintegrando, conforme revelaram vários estudos realizados a esse respeito.

E então, paralelamente aos preparativos para o lançamento da sonda, iniciou-se uma segunda fase de pesquisas, movida pela necessidade de se conceber uma tecnologia capaz de conduzir o ser humano através do espaço sideral até o novo planeta, sem aniquilá-lo durante o processo.

O tempo passou. Chegou o tão esperado dia... E a sonda foi lançada com sucesso.

Em poucas semanas, ela atingiu o seu objetivo. Começaram as análises e pesquisas que acabaram comprovando que todas as expectativas dos cientistas quanto à habitabilidade da “*Nova Terra*” estavam corretas. O corpo celeste, em questão, possuía água e vegetação em abundância, solo fértil e rico em minerais, força gravitacional e atmosfera compatíveis às da Terra. E, como esta, também orbitava em torno de uma estrela que lhe proporcionava luz e calor, de forma que o clima, as temperaturas, a duração dos dias e das estações do ano fossem aceitavelmente equivalentes. Ou seja, o referido planeta era perfeito para o “*Projeto Gênesis*”, e totalmente propício à manutenção da vida humana!

Foram então desenvolvidos, por um grupo de cientistas da N.A.S.A., alguns modelos de propulsores movidos exclusivamente a hidrogênio, juntamente com o protótipo de um veículo espacial de grandes proporções, plenamente apto a transportar vida animal e vegetal, em uma velocidade análoga à da luz, sem destruí-la.

Os propulsores e o protótipo foram aprovados e saíram do papel. A gigantesca nave mãe, financiada por um consórcio entre nações e que posteriormente ficaria sendo conhecida como “*Arca II*”, passou a ser construída em uma base ultra-secreta, instalada no recente deserto sul

americano que se formara no local onde, em outros tempos, havia existido a Amazônia.

A esperança e o otimismo retornaram à humanidade.

O homem, mesmo contrariando todas as expectativas, havia recebido uma nova chance.

E então, as “*zonas ventiladas*”, ao redor do globo, foram sacudidas por celebrações e comemorações de todos os tipos.

Mas como reza o célebre ditado popular: “*tudo o que é bom, dura pouco*”.

E assim foi...

Em vias da conclusão da construção da “*Arca Espacial*”, os cientistas anunciaram que somente haveria lugar na nave para duas mil pessoas. O restante do espaço disponível seria preenchido com combustível, alimentos, obras de arte, livros, mudas e sementes de todas as plantas da Terra e os genomas da maioria das espécies animais conhecidas do nosso planeta original. Para os demais, restaria apenas uma dolorosa morte por asfixia, lenta e desonrosa.

E mesmo para os dois mil hipotéticos viajantes, que deveriam ser escolhidos, ou melhor, apontados pelos governantes e progenitores do “*Projeto Gênesis*” dentre os pouco mais de quinhentos milhões de seres humanos restantes na Terra para perpetuar a espécie humana no novo mundo, as perspectivas não eram muito animadoras. Pois a tal viagem pelo espaço até a “*Nova Terra*” jamais seria possível de ser realizada em um tempo menor do que algumas centenas de anos terrestres, de modo que absolutamente ninguém daquela geração estaria vivo quando a nave chegasse ao seu destino final.

Após o anúncio, houve grande comoção mundial. Desordens e revoltas generalizadas tiveram lugar em praticamente todas as “*zonas ventiladas*” do globo. Protestos e acusações. Quebra-quebras e tumultos regados à violência. Desespero e aflição. Tudo em vão.

A espaçonave ficou pronta cerca de dois meses depois. Foi carregada com tudo aquilo que os cientistas julgaram necessário para a inusitada viagem e também para os primeiros passos da nova civilização que seria edificada no novo mundo.

Os dois mil homens e mulheres entre os mais sadios e destacados membros da sociedade mundial foram escolhidos para integrar a equipe dos viajantes. Cientistas e profissionais de todas as áreas do conhecimento, escritores, artistas, intelectuais, militares de alta patente, os principais estadistas políticos e os mais influentes empresários do mundo.

Dentre os que ficaram de fora da lista, a decepção foi geral. Eles sabiam que haviam sido sumariamente condenados à morte. Nos dias seguintes ao polêmico anúncio da lista dos dois mil escolhidos, aconteceram novos protestos, tumultos, rebeliões e revoltas armadas por todos os continentes. Milhões morreram ou foram presos e banidos das “*zonas ventiladas*”.

Contudo, nada foi capaz de impedir a partida da “*Arca*” no dia e horário programados.

E, como forma de conter os protestos, um dia antes do previsto, os dois mil escolhidos foram retirados das respectivas “*zonas ventiladas*” e levados ao hangar secreto no deserto amazônico onde se encontrava a nave mãe.

Quando já estavam todos a bordo, cerca de uma hora antes da partida, os gigantescos pulmões artificiais de todo o mundo foram desligados. E os mais de quinhentos milhões de homens, mulheres e crianças que não tiveram a sorte de figurar entre os escolhidos para a insólita viagem morreram asfixiados em questão de minutos.

Por conta disso, exceto os dois mil “sortudos” viajantes que se encontravam no interior da colossal nave mãe, ninguém mais na Terra testemunhou a derradeira partida da raça humana do nosso planeta natal...

III

Os primeiros anos da longa viagem pelo espaço foram, sem dúvida, os mais difíceis. Os viajantes precisaram se readaptar a um novo estilo de vida, repleto de privações, negações e de desconfortos, no interior da nave mãe. Sem contar o lado emocional, terrivelmente abalado

pelo remorso de terem abandonado os seus entes queridos, amigos, vizinhos e parentes não escolhidos na Terra, sabedores de que isso significara a morte deles. Alguns dentre os mais instáveis psicologicamente não foram capazes de suportar o fardo e se suicidaram em suas cabines privativas ainda nos primeiros meses da grande viagem. Outros enlouqueceram e, para a sua própria segurança e a de terceiros, tiveram de ser recolhidos para celas especiais, onde passariam os seus dias até morrerem. Quanto ao restante, viu-se obrigado a se resignar com o pesado jugo que o destino lhes lançara sobre os ombros e prosseguir em frente com as suas vidas e obrigações.

Os únicos que não demonstraram qualquer resquício de remorso foram os líderes do “*Projeto Gênese*”, encarregados da ordem, das diretrizes da viagem, da segurança e de tudo o mais que se relacionasse ao bom andamento da missão que tinha como objetivo principal a preservação da espécie humana. A maior parte desta “elite” era composta por militares de alta patente, por políticos inescrupulosos e estadistas importantes, ou pelos cientistas encarregados da parte técnico-científica. Para eles, tudo o que importava era o sucesso do empreendimento.

Dia após dia... Semana após semana... Mês após mês... Ano após ano... E década após década... A viagem pelo espaço prosseguiu, sem maiores contratempos.

Aos poucos, um por um, os planetas do nosso antigo Sistema Solar foram ficando para trás. Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão... E quando os viajantes deram por si, a Terra e os seus vizinhos cósmicos já não se encontravam mais em seu campo de visão.

O espaço sideral era agora a sua casa.

O tempo seguiu seu curso de forma implacável, transformando a longa viagem em uma infundável e monótona jornada pelos confins do Universo.

E eis que, conforme o previsto, aquela geração envelheceu e morreu. Porém não sem antes tomar o devido cuidado de transmitir as principais bases do conhecimento acumulado de vinte mil anos terrenos aos seus descendentes diretos, imputando a estes o pesado fardo de

prosseguiem com a viagem e de garantirem a preservação da espécie humana.

E assim, sucessivamente, uma geração foi se sobrepondo à outra, até se completarem sete gerações...

Quando a sétima geração chegou ao comando da missão, muito daquilo que se sabia no início da viagem, em cada área do conhecimento, já havia se perdido, do mesmo modo que as avançadíssimas tecnologias produzidas pelos cientistas originais se encontravam, em grande parte, sucateadas, carcomidas pela avassaladora ação do tempo, pelo desuso e pela falta de manutenção regular. A produção de alimentos nos canteiros e hortas da nave caíra a níveis extremamente preocupantes. A fome começou a mostrar a sua esquálida face. Não obstante, um curto circuito no purificador fez com que o aparelho parasse de funcionar. E a produção de água potável também passou a ser um problema.

A soma de tudo isso colaborou para que igualmente os espíritos dos viajantes sofressem perturbações com o passar do tempo. Aos poucos, a esperança foi minguando e o mundo azul que eles buscavam com tanto afincos foi se transformando em algo inalcançável. Uma lenda. Mera utopia.

E então, quando ninguém mais acreditava que pudesse ser possível vislumbrar o famoso planeta salvador prometido pelos seus ancestrais, o milagre aconteceu...

Após centenas de anos viajando como nômades pelo espaço afora, finalmente chegou o esperado momento para a combalida colônia humana. Como em um passe de mágica, e sem nenhum aviso prévio, de súbito a “*Nova Terra*” materializou-se diante da gigantesca “*Arca*”, tão majestosa, esplêndida e bela como os ocupantes da nave mãe sempre sonharam que seria.

A estonteante visão do planeta azul fez transbordar de alegria os corações e almas dos astronautas sobreviventes, de modo que celebraram uma grande festa a bordo da nave mãe.

IV

Algumas semanas mais tarde, a “*Arca*” ultrapassou as duas gigantescas luas do planeta azul e entrou na órbita do mesmo, deixando-se capturar pelo campo gravitacional da “*Nova Terra*”.

Iniciaram-se então os preparativos para a reentrada e a aterrissagem. Todavia, como os pilotos e cientistas daquela geração jamais haviam passado por semelhante situação, os tais procedimentos lhes eram totalmente novos e desconhecidos. E, para piorar, as tecnologias de piloto automático e de pouso eletronicamente dirigido se encontravam desgastadas pela ação do tempo e pelo desuso, ou seja, estavam em precárias condições.

Resumindo: a aterrissagem foi um completo desastre.

A velha “*Arca*” desgovernou-se ainda na primeira etapa da reentrada, quando o motor principal explodiu e os motores auxiliares de frenagem pararam de funcionar, lançando-a em queda livre. Em seguida, os painéis de instrumentos entraram em colapso e algumas chapas da fuselagem se soltaram em decorrência da grande pressão gerada sobre elas.

Por sorte, o que os esperava abaixo das nuvens era um enorme lago, convenientemente situado no cume de uma alta montanha, que serviu para amortecer a queda e, assim, evitar que a espaçonave explodisse. Mas não foi capaz de impedir que a mesma ficasse completamente arruinada, destroçada e amassada, com a metade frontal submersa e apenas a parte traseira inclinada acima da água num ângulo de sessenta graus.

Pelo menos a água abafou as chamas dos motores e esfriou os reatores superaquecidos, evitando uma tragédia ainda maior. Mas muitos dos seus ocupantes perderam a vida com a violência do impacto; ou morreram afogados entre as ferragens submersas.

Conforme se constatou mais tarde, a quase totalidade dos comandantes e dos líderes do “*Projeto Gênesis*” se encontrava entre as vítimas fatais do terrível acidente. Exceto por três ou quatro exceções, salvaram-se ilesos somente os membros menos abastados da tripulação e

alguns dentre os cientistas menos importantes da atual colônia humana. Os que no momento da queda se encontravam na parte traseira da nave.

Uma contagem superficial revelou que somente setenta e sete indivíduos, no total, entre homens, mulheres e crianças sobreviveram à desastrosa aterrissagem da “Arca”. Setenta e sete sobreviventes... Tudo o que restara de uma raça que, em seu auge, chegou a contar com sete bilhões de indivíduos. Setenta e sete seres humanos que, de uma hora para a outra, se viram predestinados a dar continuidade à própria espécie; e a recriar uma civilização que sequer chegaram a conhecer, em um mundo completamente inóspito e totalmente estranho para eles...

V

Não foi fácil, mas os viajantes, aos poucos, foram se adaptando ao lugar.

No princípio, resolveram se estabelecer ali mesmo, no topo da montanha, mantendo a nave semidestruída por perto. Retiraram dela tudo o que conseguiram salvar e que poderia ser útil. E explorando as proximidades do lago, cuja análise preliminar da água revelou ser a mesma potável, encontraram árvores frutíferas das quais passaram a se alimentar. Enterraram os mortos ao sopé da montanha e montaram acampamento com tendas de campanha e barracas militares improvisadas no cume da mesma. Trataram os feridos e a cada cair da noite acendiam uma fogueira para espantar insetos e animais. E sentavam-se em volta dela.

Foi numa dessas noites que um barulho na direção da encosta da montanha chamou-lhes a atenção. E ao voltarem os olhares para lá, assustaram-se ao vislumbrar as faces atônitas de meia dúzia de seres humanóides primitivos, sujos, descabelados e nus por entre as folhagens.

Os recém surgidos invadiram a clareira aos gritos. E, antes que os nossos viajantes das estrelas pudessem sequer pensar em reagir ao que pré-julgaram ser um ataque, aqueles seres não civilizados pararam, largaram as lanças, juntamente com tudo mais que traziam consigo, e

prostraram-se diante deles, com os rostos rentes ao chão.

Naquele instante ninguém compreendeu absolutamente nada. Só algum tempo depois foi que a atitude dos nativos da “*Nova Terra*” fez algum sentido, quando se tornou possível o estabelecimento uma precária comunicação através da linguagem de sinais entre os grupos.

Os primitivos contaram que enquanto caçavam na floresta longe dali, haviam assistido a queda da espaçonave sobre a montanha. Inicialmente pensaram tratar-se de uma estrela que despencara do firmamento e decidiram verificar. Mas quando vislumbraram os astronautas em volta do fogo, com as suas vestes reluzentes e seus equipamentos eletrônicos, imediatamente os tomaram por “deuses celestiais” em visita ao seu mundo.

E desde então passaram a adorá-los como tal.

Aquele primeiro contato foi crucial para o rumo que as coisas tomariam no futuro...

Resumindo a história: os viajantes gostaram daquilo... E, em consenso, resolveram tirar proveito da situação. Eles não apenas permitiram que os nativos os adorassem como deuses das estrelas, como praticamente os forçaram, através da imposição do medo e do uso de sua avançada tecnologia militar, a alimentá-los e a servi-los em tudo o que desejassem.

Em contrapartida, ensinaram-lhes um pouco de tudo o que sabiam. Pouco a pouco, e em doses homeopáticas, transmitiram para aqueles homens, mulheres e crianças primitivos parte do conhecimento acumulado que detinham. Ensinaram-lhes a linguagem oral e escrita que eles próprios utilizavam. E passaram-lhes noções básicas de agricultura e de pecuária, de medicina, de astrologia, de astronomia, de engenharia, de sociologia e de matemática. Ensinaram-lhes a dominar o fogo, a pescar e a contar o tempo. Através de conceitos rudimentares de civilização e organização social, fundaram os primeiros povoados, em volta da montanha, que mais tarde se transformariam em vilas. E, posteriormente, nas primeiras cidades do novo mundo. Então difundiram a cultura e as artes, em todos os seus aspectos. Criaram códigos de conduta moral e um complexo sistema legal. Mais tarde institucionalizaram as religiões, em que eles próprios

eram os “deuses e deusas”, como um eficaz instrumento de domínio e de manipulação das massas. E assim, mesmo que sob forma disfarçada, escravizaram os nativos, para sempre, ao seu bel prazer.

Transcorreram alguns anos. E em determinado momento, os viajantes constataram que, por conta de um defeito congênito originário das progressivas mutações genéticas sofridas por sua raça durante as sete gerações que perdurou a longa viagem pelo espaço, as suas mulheres haviam se tornado irreversivelmente estéreis.

Então, para garantirem a continuidade da sua semente, os pretensos “deuses” decidiram que os jovens ainda saudáveis de suas linhagens não apenas podiam, mas deveriam procriar com as fêmeas nativas.

E assim se sucedeu...

Os “deuses” passaram a tomar para si, todas as mulheres nativas que desejassem. E uma nova raça híbrida surgiu dessa união forçada entre as duas espécies distintas.

Em pouco tempo, a raça recém criada se multiplicou e se expandiu por todo o planeta azul. Uma nova civilização floresceu e rapidamente evoluiu, deixando para trás, como parte de seu legado, uma controversa trajetória, repleta de erros e de acertos. Os deuses deixaram de ser deuses e os novos homens passaram a dominar o planeta. Impérios floresceram e outros decaíram. Reis foram entronados e outros depostos. Surgiram as religiões institucionalizadas. E os avanços tecnológicos rapidamente impulsionaram a nova raça para o futuro.

Em linhas gerais, tudo ia muito bem...

Até que a ganância e a irresponsabilidade dos seus incautos governantes os induziram à degradação progressiva dos inúmeros recursos naturais da “*Nova Terra*”. E, a exemplo do que acontecera anteriormente com a antiga Terra, o planeta igualmente entrou em colapso, dando início a um novo Apocalipse ambiental.

E a história, como não poderia deixar de ser, tornou a se repetir...

(ILUSTRAÇÃO)
“PROJETO GÊNESIS”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

– Uau, que conto maneiro! – Jonas exclamou entusiasmado. – Caramba! Adorei a analogia temporal que o autor fez do passado com o futuro, inserindo-os em uma espécie de ciclo repetitivo contínuo, onde um é apenas o reflexo do outro e vice-versa. Sem contar o apelo ecológico-ambiental... Fascinante mesmo!

Ele estava extasiado.

– Por essas e outras, que não me admira a fama que os Alquati alcançaram. – enfatizou. – Eles foram verdadeiros mestres em contar histórias!

Observando pela janela aberta mais próxima, Jonas percebeu que lá fora ainda chovia muito e que já havia anoitecido. Uma noite escura e sem estrelas.

– Seria muito legal ter tido a chance de conhecê-los pessoalmente. – divagou, dando uma mordida no sanduíche que trouxera.

“Não seja por isso... Muito prazer!” – uma estranha voz projetou-se do fundo mais escuro da biblioteca diretamente em sua mente.

O garoto instantaneamente voltou o olhar naquela direção. Cuspiu o sanduíche e quase caiu da cadeira ao vislumbrar, assustado, dois vultos etéreos materializarem-se a poucos passos de onde estava. Um fantasma masculino e outro feminino, de mãos dadas e que flutuavam, alguns centímetros acima do chão, em sua direção.

“Boa noite jovem, tudo bem? Não se assuste, não pretendemos fazer nenhum mal a você. Somos apenas dois velhos espíritos desencarnados, sedentos por fazer novas amizades e que adoram uma boa história de ficção fantástica” – a mulher espectro cumprimentou-o sorridente.

– Cruzes! – Jonas deu um salto da cadeira, derrubando-a. – Por favor, não me machuquem!

“E porque faríamos isso?” – o espírito indagou, adiantando-se na direção do

baú. – *“Como eu disse, não temos intenção de fazer-lhe mal. Apenas o escutamos lendo esses originais e, como em vida também fomos amantes dos livros, achamos que podíamos nos juntar a você já que, em nossas atuais condições, não podemos pegá-los para ler nós mesmos”*.

Para comprovar o que estava dizendo, esticou o braço. A sua mão passou através do baú, como se o mesmo fosse apenas uma imagem holográfica.

Jonas olhou para ela estupefato.

“E então, meu jovem?” – o fantasma masculino cobrou-lhe uma posição, com a mesma voz que ele escutara antes. – *“Apenas pedimos para poder acompanhar a sua sessão de leitura, se você não se importar. Nós prometemos não atrapalhar”*.

Jonas achou que estivesse ficando louco. Hesitante e sem opção, ele concordou.

– Tudo bem... Acho que não tem problema em vocês me fazerem companhia, desde que jurem não fazerem nada de mal comigo.

“Juro pela minha vida, palavra de escoteiro” – brincou o fantasma.

“Nós juramos” – disse a mulher, olhando feio para o marido.

– E-então está certo. Acomodem-se e vamos prosseguir com a leitura... – Jonas assentiu, ainda um tanto inseguro quanto às intenções dos fantasmas.

“Beleza, toca ficha garoto!” – comemorou o espectro macho, enquanto os dois espíritos sentavam-se no ar, a cinco palmos do chão, de frente para o menino e, como de praxe, de mãos dadas, como eternos namorados.

Sem saber exatamente como proceder diante daquela inusitada situação, Jonas fez a única coisa que julgou sensata. Nervoso e visivelmente assustado, ele esticou o braço para retirar o segundo maço de folhas do baú e, em seguida, passou a lê-lo em voz alta...

O MENSAGEIRO DO ARMAGEDOM

A lua cheia reinava absoluta no firmamento, tendo por companhia milhares de estrelas reluzentes, que enfeitavam o céu noturno como se fossem minúsculos brincos de diamantes. A noite transcorria calma e tranquila, à exceção das duas dúzias de vultos negros que se esgueiravam por entre as árvores, posicionando-se de forma a cercarem a totalidade do perímetro do rancho. O lugar, segundo as informações que tinham conseguido apurar, funcionava como sede para a “*Legião de Lúcifer*”, suposta seita de adoradores do demônio, suspeita pelo rapto e posterior assassinato de várias jovens em macabros rituais de sacrifício humano.

O major Carl Johnson, da bem treinada unidade antiterrorismo da polícia de Los Angeles, checou o fuzil de assalto M-16, enquanto revisava mentalmente o plano de ataque, cuja missão era capturar com vida os líderes da tal seita demoníaca que, segundo as informações compartilhadas pelo agente federal Steve Belonski da CIA, ainda encontravam-se na casa.

Geralmente Johnson não gostava de sujeitar-se às ordens de estranhos, porém, pela imposição dos seus superiores, ele precisara ceder o comando da operação ao engomado agente federal, que mesmo ali, no meio do mato, insistia em vestir-se como um executivo de multinacional, com terno e gravata por debaixo de um colete à prova de balas e de um comprido casacão de lã.

Fazia frio. E a residência de dois pavimentos encontrava-se mergulhada na mais completa escuridão. Nenhum barulho, nenhum movimento, nenhuma fumaça saindo da chaminé, nenhuma luz. Absolutamente nada. A casa parecia deserta e abandonada às traças.

— Preparem-se para invadir. — Belonski ordenou aos policiais.

— Eu ainda acho que nós devíamos seguir os trâmites legais e anunciar a nossa presença — Johnson retrucou. — Talvez consigamos fazer com que eles se rendam sem que haja derramamento de sangue desnecessário.

— Major, eu devo lembrá-lo de que o comando dessa operação é meu. Portanto, faremos a coisa do meu jeito. — Belonski retrucou — Vamos invadir o rancho atirando para matar... E, se tivermos sorte, talvez consigamos capturar alguns desses bastardos com vida.

— Mas isso vai contra o regulamento e o que combinamos, além de...

— Detenha-se major, ou serei obrigado a mandar prendê-lo por desobediência e desacato. — Belonski repreendeu-o. — Agora vamos. Já perdemos tempo demais com essa conversa fiada.

A um sinal do federal, os policiais da S.W.A.T. começaram a se mover em direção ao rancho. Foi quando o mundo literalmente explodiu ao seu redor.

De repente, o terreno em volta deles pareceu convulsionar-se, indo pelos ares em sucessivas e violentas explosões. Pego de surpresa pelas minas terrestres e inúmeras granadas arremessadas em sua direção, em questão de poucos segundos, o grupo dos policiais viu-se desfalcado de mais da metade dos seus homens. Os arrepiantes gritos de dor e de agonia dos mutilados e feridos, espalhados agora por toda a extensão do terreno ao redor do rancho, misturaram-se ao trovejar ininterrupto de dezenas de armas automáticas, oriundo tanto da casa, quanto dos fuzis de assalto e pistolas dos remanescentes membros da reduzida força de ataque, transformando o normalmente pacato lugar, em uma verdadeira sucursal do Inferno.

— E agora, você entende os meus motivos para invadir atirando para matar? — Belonski gritou, enquanto rolava pela grama úmida, acionando o seu M-16.

O major Johnson também se atirou ao chão, escapando por centímetros de uma

rajada que fez revolver a terra no ponto onde ele estivera um milionésimo de segundo antes. E então, o seu dedo também passou a pressionar continuamente o mecanismo de disparo do fuzil.

Os seus comandados seguiram o exemplo. E uma chuva de projéteis caiu sobre a casa, eliminando a maioria dos inimigos que se atocaiavam nas janelas e portas, de forma que, em pouco tempo, o silêncio voltou a imperar e o caminho para o rancho ficou livre.

II

Enquanto Belonski e os seus homens revistavam o piso inferior da construção, repleto de cadáveres, Johnson e três policiais subiram ao segundo andar e começaram a revistar os quartos. Perderam uns bons minutos nisso.

De súbito, escutaram um ruído procedente do último aposento e imediatamente correram para lá. Apesar do frio, a janela encontrava-se totalmente aberta e, ao olhar através dela, o major avistou o agente da CIA penetrando novamente na floresta que cercava o rancho, em desabalada carreira, o que certamente o intrigou sobremaneira, mas não tanto quanto o sujeito loiro e alto, também de casacão comprido e que, à propósito, não era nenhum dos seus policiais, partindo no encalço do Federal.

Ordenando aos seus subordinados para que continuassem com a revista na casa, Johnson não pesou as consequências e saltou pelo beiral da janela, deslizando pelo telhado e caindo próximo do ponto onde avistara os dois vultos pela última vez. Rolou sobre si mesmo a fim de amortecer a queda. Ato contínuo ergueu-se, adentrando a mata atrás deles.

O major corria como nunca, desviando-se habilmente dos galhos mais baixos e demais obstáculos naturais do caminho. E qual não foi a sua surpresa, ao penetrar em

uma clareira iluminada pela luz da Lua, dar de cara com os dois, Steve Belonski e o tal sujeito loiro que viu perseguindo-o, frente a frente, encarando-se mutuamente, com fulminantes olhares, repletos de ódio e de raiva. O agente da CIA apontava o seu M-16 para o loiro e este, por sua vez, inacreditavelmente o desafiava, empunhando uma gigantesca espada de lâmina azulada, que fez com que o veterano policial da S.W.A.T. de Los Angeles se arrepiasse até o último fio de cabelo e recuasse alguns passos de volta para a mata, escondendo-se atrás de uma moita.

Atônito, Johnson viu Belonski largar a arma no chão, para em seguida sacar de dentro do seu casacão de couro uma espada idêntica – que durante todo o tempo mantivera oculta debaixo do mesmo – e com ela investir contra o suposto adorador do diabo, que instintivamente jogou-se para o lado, desviando-se e aparando com a própria lâmina, o golpe endereçado à sua cabeça. Então, o loiro devolveu, na mesma moeda, atacando o federal.

O longo embate que se seguiu entre os dois espadachins foi feroz e violento.

Ambas as espadas subiam e desciam, avançavam e recuavam, chocando-se em um ritmo alucinante e mortal, no qual as faíscas que brotavam de seus entrechoques, conferiam um aspecto sobrenatural à já bizarra e assustadora cena.

Paralisado pela estupefação do que presenciava, Johnson limitou-se a assisti-los, como se aquilo tudo não passasse de um filme de televisão ou uma simples encenação teatral. Era surreal demais para ser verdade.

E eis que, de súbito, ao lograr bloquear um golpe de seu adversário, o agente da CIA tropeçou em uma pedra e caiu. O seu oponente, de imediato, aproximou-se com a espada erguida, pronto para matá-lo ali mesmo, sem nenhuma compaixão.

Ao ver o companheiro em apuros, Johnson subitamente recuperou-se da letargia que o dominara até então. O major destravou o fuzil e girou o seletor de fogo para o modo semi-automático, de modo que lhe propiciasse uma rajada tripla a cada nova

pressionada do gatilho.

— Hei você aí! Pare onde está e solte essa espada, ou eu atiro! — o major gritou, deixando a cobertura natural da floresta, que até ali o mantivera oculto.

Mas o sujeito não parou. E a lâmina começava a descer impiedosamente rumo à cabeça de Belonski, quando uma rajada certeira do M-16 de Johnson fê-lo estremecer e tombar para trás. Com isso, o golpe acabou por desviar-se do alvo, de modo que a lâmina passou de raspão pelo ombro e costas do federal, sem, contudo, atingi-lo mais seriamente. Já o casacão que ele vestia não teve a mesma sorte e partiu-se em dois.

Belonski levantou e livrou-se dele, no que um par de enormes asas, negras e lisas como as de um morcego, materializou-se em suas costas. E, para a perplexidade total do major Carl Johnson, sem nada dizer, ele abaixou-se e retirou um pedaço de papel dobrado do bolso do casaco despedaçado. Voltou-se para o policial e o encarou por um breve instante. Então abriu as asas e simplesmente abandonou a clareira voando.

Petrificado de terror, o experiente, todavia aturdido agente da lei, limitou-se a apenas acompanhar a silhueta alada, enquanto sumia no horizonte, recortada como um minúsculo ponto negro refletido na Lua cheia, até não mais avistá-la.

III

O demônio de asas negras já havia sumido completamente do alcance de sua visão, quando, de relance, o major notou uma sombra erguendo-se no ponto aonde alvejara o suposto fanático da seita satânica.

Sem tempo para raciocinar sobre a confusão daquilo tudo, ele voltou-se naquela direção. E Carl Johnson sentiu o chão desaparecer sob os seus pés, ao defrontar-se com uma majestosa e imponente figura angelical, cujas asas, completamente forradas de penas brancas, eram a maior prova de sua real identidade.

– Onde o maldito está? – o anjo indagou-lhe secamente, procurando em volta, de espada na mão. No lugar dos tiros em seu peito, à exceção de uma meia dúzia de buracos nas roupas, nenhuma outra marca se fazia presente.

O major tentou falar, mas as palavras não saíram. Então, apontou para o céu, na direção que o demônio havia tomado, ao que o ser alado o encarou alarmado.

– Por *Ethernyt!* – ele exclamou furioso – Você tem consciência do que acaba de fazer? Droga, os demônios agora conhecem a localização do *Guardião da Chave Um*. O que significa que a antiga Profecia do Armagedon está a um passo de se concretizar! Graças a você e à sua inconsequente ignorância, Moloch, o demônio *Mensageiro do Armagedom*, conseguiu obter a informação que o seu senhor, Lúcifer, tanto almejava possuir, de modo que a Terra está com os dias contados! Agora preciso correr contra o tempo para avisar aos outros que, por culpa de um humano estúpido, a guerra está prestes a começar!

– Do que diabos você está falando? – o major interpelou-o, sem entender coisa alguma do que o anjo dizia. – A que guerra você está se referindo?

– A última a ser travada sobre a face da Terra... E que, fatal e indubitavelmente, selará o destino de todos nós! – abriu as asas e voou clareira afora, na direção oposta à tomada pelo demônio.

Só então o major finalmente caiu em si, compreendendo que, tanto ele quanto os seus superiores, foram enganados pelo falso agente federal. A tal seita satânica nunca existira. E a invasão ao rancho servira apenas de pretexto para que o demônio Moloch pudesse encontrar e roubar o papel que continha a informação que, segundo o seu antagonístico rival alado, daria início à derradeira *Guerra dos Anjos*...

(ILUSTRAÇÃO)

“O MENSAGEIRO DO ARMAGEDOM”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

— Espera aí... Eu lembro desse conto! Se não me engano, foi escrito para servir como complemento ao romance de ficção fantástica “A GUERRA DOS ANJOS”, de Márson Alquati, volume inicial da consagrada “TRILOGIA ETHERNYT”, cujos livros ficaram famosos e se tornaram bestsellers mundiais em meados do Séc. XXI, logo após serem adaptados para o cinema. — Jonas puxou da mente tudo o que sabia a respeito do texto que acabara de ler.

“Você está certo! Exceto por um detalhe: o conto em questão foi escrito para ser uma breve introdução à série e não um simples complemento do primeiro volume, até porque ele foi postado em alguns blogs literários, de renome na época, meses antes do lançamento oficial do primeiro livro” – a aparição feminina corrigiu-o.

“Só eu sei o trabalho que deu escrever esse conto, ainda mais com um prazo tão curto para entregá-lo aos blogs e sites que o encomendaram: ele teve de ser escrito em uma única noite!” – o fantasma macho completou. – *“Caso contrário, os detalhes poderiam ter sido melhor trabalhados e”...*

“Mais de quatro séculos se passaram e você ainda continua com essa mania chata de perfeição?” – a mulher rebateu, cortando-o.

“Não adianta, até o fim dos tempos eu vou achar que poderia ter feito melhor, ter escrito algo de maneira diferente, afinal de contas ninguém é perfeito a ponto de ter a pretensão de saber tudo. Sempre teremos o que aprender. Sempre estaremos sujeitos ao erro. E sempre poderemos melhorar... Assim funciona a evolução de todo aquele que deseja deixar um legado para a posteridade, através da sua obra” – o espírito contra-argumentou.

Ouvindo a conversa dos fantasmas, Jonas ficou uma pulga atrás da orelha. Ao meditar sobre o que eles haviam acabado de falar, o garoto acordou para algo que lhe

passara despercebido até então.

Com o coração em disparada e a mente a mil por hora, indagou-lhes perplexo:

— Como vocês sabem tanto acerca desse conto? Quem são vocês de fato?

“*Achei que você fosse mais inteligente. Que já tivesse percebido...*” – o espectro masculino sorriu-lhe matreiro.

— Caracas, vocês são... – Jonas mal conseguia acreditar.

“*Sim, meu querido, nós somos os espíritos daqueles que a sua geração conhece como: Os Alquati*” – respondeu-lhe a escritora do além.

* * *

Meia hora depois, já passado o susto inicial e as rasgações de seda por parte do garoto para com os seus ídolos espectrais, Jonas retirou o terceiro original do baú.

Atentos e sorridentes, Márson e Jaqueline Alquati fitavam-no ansiosos.

E ele ainda estava trêmulo e em êxtase, quando iniciou a leitura...

O LEGADO ANUNNAKI

A verdade pura e simples, raramente é pura e jamais será simples...

(Oscar Wilde)

I

Em algum lugar da Mesopotâmia, nos dias atuais...

Sob o sol escaldante do deserto, os trabalhadores labutavam, escavando as areias ferventes em busca dos resquícios de um passado há muito relegado ao esquecimento. O arqueólogo e financiador do projeto – um homem alto e idoso, culto e de aparência cansada, pele clara, olhos escuros como a noite e cabelos grisalhos – descansava em sua tenda de campanha, meditando sobre os progressos da empreitada que já durava quase um ano e cinco meses, quando teve a concentração subitamente interrompida pelo supervisor-chefe das escavações.

– Encontramos algo, senhor! – disse o árabe de pele escura e sotaque carregado, enfiando a cabeça através da abertura da tenda.

Minutos depois, os dois chegaram ao sítio arqueológico. Eles desceram por uma escada de madeira até o fundo de uma gigantesca cratera circular, escavada no meio do deserto. O trabalhador responsável pela descoberta sorriu em júbilo, apontando para a parede de mármore negro, amparada por duas colunas altas, que acabara de encontrar.

Foram necessários três homens robustos, munidos de picaretas e pás, para que uma porta fosse aberta na parede sólida, revelando o interior de um templo sumério ancestral, totalmente coberto de pó e teias de aranha. Estátuas dos deuses Anu, Enki,

Enlil, Ninharsag, Inanna, Marduk e vários outros, de menor relevância no panteão sumério, rodeavam, lado a lado com uma série de colunas igualmente depredadas pela inevitável ação do tempo, uma enigmática cripta retangular de mármore, coberta por uma reluzente tampa de ouro decorada com pedras preciosas diversas.

O artefato deveria valer uma verdadeira fortuna. Mas não era isso que o velho arqueólogo procurava. Com o coração disparado e a emoção toldando-lhe os sentidos, ele se aproximou. E, em atitude de reverência, empurrou a cobertura de ouro, que deslizou suavemente para o lado. Os olhos brilharam de satisfação ao contemplarem o objetivo real de sua busca de tantos anos: uma rara coleção de tabuinhas de argila, perfeitamente conservadas e cuidadosamente acondicionadas no interior do rústico recipiente pétreo.

Horas mais tarde, já de volta à sua tenda de campanha, o pesquisador iniciou o processo de tradução dos pictogramas sumérios que tão bem conhecia, mergulhando em uma torrente de lembranças que julgava enterradas para sempre nas profundezas mais recônditas de seu subconsciente. Mas que, de súbito, jorraram em sua mente, fazendo-o recordar-se de cada detalhe do próprio passado.

Nostálgico, ele lembrou um tempo longínquo e há muito esquecido, em que deuses e homens coabitaram harmoniosamente sobre a face da Terra... Até o advento do monoteísmo judaico-cristão mudar tudo. Lembrou-se então, com enorme pesar, da violenta contenda em que os primeiros foram miseravelmente sobrepujados pelo Onipotente Deus Único da nova crença, sendo banidos da esfera divina e relegados ao esquecimento.

Mesmo depois de tanto tempo, ainda não compreendia direito como as coisas haviam chegado aquele ponto. E, para tentar entender, ele começou o árduo trabalho de organizar os fatos por ordem cronológica, unindo suas lembranças às informações obtidas através dos relatos gravados nas tabuinhas de argila recém descobertas...

II

450.000 a.C.

Nibiru, um distante membro de nosso sistema solar, estava enfrentando a cruel possibilidade de uma vagarosa extinção devido à deterioração progressiva da sua atmosfera. Alalu, o antigo governante nibiruano foi deposto por Anu, sendo obrigado a fugir do planeta condenado em uma espaçonave. E encontrou refúgio na Terra, cuja similaridade com Nibiru permitiu que o antigo regente sobrevivesse. Decorrido um tempo, Alalu acabou descobrindo que a Terra era rica em ouro e em outros minérios que, após minuciosos estudos, revelaram-se plausíveis de serem usados na confecção de uma camada protetora artificial para a atmosfera de seu planeta natal, evitando a completa destruição do mesmo.

Os Anunnaki, como se autodenominavam os habitantes de Nibiru, foram postos a par da descoberta de Alalu. E, em 443.000 a.C., liderados por Enki, um dos filhos de Anu, eles finalmente aterrissaram em nosso planeta, fundando o “Eridu” – a Estação Terra I, com a intenção de extraírem os minérios de que tanto necessitavam das águas profundas do Golfo Pérsico.

O tempo passou e, em 414.200 a.C., devido à crescente queda na produção de ouro no Golfo Pérsico que, após prolongar a vida de Nibiru, se transformara em uma valiosa moeda corrente para o povo Anunnaki, o próprio Anu resolveu vir à Terra, trazendo consigo o filho Enlil, irmão de Enki e legítimo sucessor do trono nibiruano.

Já na Terra, ficou decidido, em uma assembléia geral presidida por eles, que os minérios, vitais para a sobrevivência da economia nibiruana, passariam a ser obtidos por mineração tradicional, no sul da África. Os dois filhos de Anu tiraram a sorte para decidir quem ficaria com qual tarefa. Enlil venceu e ganhou o comando do “Projeto

Terra”, enquanto Enki precisou se contentar em ficar com a África e a ingrata missão de comandar os trabalhos de mineração.

A vida seguiu seu curso normalmente, sem qualquer contratempo. Até que, por volta de 299.000 a.C., os Anunnaki que trabalhavam nas minas africanas, fartos da árdua rotina de trabalhos pesados e das privações das minas, se rebelaram. Algum tempo e muitas mortes depois, na esperança de darem um fim ao impasse, Enki e sua irmã cientista Ninharsag resolveram testar, na prática, uma das suas controvertidas teorias genéticas.

Eles capturaram e fertilizaram artificialmente várias mulheres macaco, nativas do planeta-colônia, com os embriões geneticamente modificados de duas dúzias de jovens Anunnaki voluntários, concebendo uma nova raça de seres híbridos dotados de grande força física, vigor e longevidade, porém destituídos de inteligência superior e da capacidade de procriação. Esses novos seres, metade primata e metade Anunnaki, foram relegados à condição de escravos, assumindo as penosas tarefas braçais dos mineradores Anunnaki. Com isso, a rebelião dos mesmos perdeu a razão de ser e, por conseguinte, deixou de existir. A paz novamente voltou a reinar.

Um novo salto no tempo e, em 252.200 a.C., aproveitando a ausência de Enki e de Ninharsag, que visitavam o pai em Nibiru, o irmão de ambos, Enlil, movido por ganância e sede de poder, resolveu invadir as minas africanas e capturar alguns dos espécimes da raça “*Adamus*”, como passaram a ser denominados os escravos criados pelos Anunnaki. E os levou, na surdina, para o “*Edin*” ou “*Éden*”, a principal sede dos Anunnaki na Mesopotâmia, entregando-os nas mãos dos seus próprios cientistas.

Após uma série de experiências fracassadas, finalmente os geneticistas a serviço de Enlil conseguiram desenvolver, a partir das matrizes capturadas, uma nova raça de escravos, agora dotados da capacidade de procriação e de uma inteligência mediana.

E assim surgiu o primeiro ancestral do Homo-Sapiens atual, o primitivo Homem

Cro-Magnon, que rapidamente procriou e se multiplicou, espalhando-se por todo o globo terrestre.

Mas em 212.600 a.C. a vida na Terra, de forma geral, regrediu assustadoramente durante um inesperado período glacial, que durou cerca de 100.000 anos. Com isso, os escravos da segunda geração e os Anunnaki acabaram se separando.

E só em 101.000 a.C. o clima lentamente começou a retornar ao seu estado de normalidade, voltando a aquecer o planeta e permitindo que as duas espécies, deuses e homens, tornassem a se encontrar. E junto com o clima, o coração dos Anunnaki também se aqueceu, de forma que eles deram mais liberdade aos humanos, mas em contrapartida começaram a se casar com as descendentes dos homens, que, por sua vez, haviam evoluído exponencialmente e se transformado em formosas criaturas.

Todavia, essa conspurcada união inter-racial, que ocorreu sem o consentimento de Enlil, acabou causando-lhe grande irritação, pois o soberano não via com bons olhos a pureza da sua raça maculada pelo que considerava lixo genético descartável. Não obstante, para não provocar uma nova rebelião entre os seus, Enlil adotou uma postura pública condescendente. Porém, secretamente, o príncipe nibiruano começou a arquitetar um plano para exterminar a “praga” humana.

E por volta de 75.800 a.C. o herdeiro do trono nibiruano vislumbrou a primeira oportunidade real de consumir o seu intento. Nesta época, teve início uma nova era glacial, eliminando a maior parte dos humanos e forçando os poucos sobreviventes a vagarem, a esmo, pela Terra congelada em busca de alimento e de calor.

Entrementes, contrariando todas as expectativas do regente nibiruano, o homem não apenas sobreviveu, mas fixando-se em vários pontos-chave diferentes do globo e formando pequenos agrupamentos nômades, que posteriormente se transformariam nas primeiras vilas e cidades, o ser humano primitivo deu um grande passo rumo a sua evolução.

Vinte e cinco mil anos se passaram, e o ódio de Enlil pela raça humana atingiu o ápice, quando em 47.000 a.C. Enki e Ninharsag o desafiaram abertamente, colocando humanos comuns em cargos de governança em Suruppak, um dos primeiros vilarejos mistos da história.

Enfurecido, Enlil mais uma vez tramou o fim da humanidade.

Porém, foi em 11.200 a.C. que o perverso Anunnaki vislumbrou a oportunidade perfeita para levar adiante os seus malignos planos homicidas. Descobrimo, quase que por acaso, que a próxima passagem de Nibiru pelas cercanias da Terra, aliada ao inevitável derretimento das gigantescas calotas polares originadas durante as duas eras glaciais recentes, provocaria um avassalador maremoto, de proporções globais, que devastaria toda a extensão do globo, eliminando por completo a vida terrestre no planeta azul, Enlil convocou uma assembléia do Conselho Regente da Missão Terra.

Nesta reunião, politicamente articulada e conduzida, ele conseguiu a maioria de votos e com isso decretou a proibição, sob pena de morte para qualquer Anunnaki que o desobedecesse, de alertar a espécie humana sobre a terrível calamidade que, em breve, se abateria sobre a Terra.

Revoltado com a decisão do Conselho, Enki resolveu não manter o juramento feito ao irmão. E, em 10.900 a.C., já às vésperas do terrível acontecimento, ele passa a viajar aos quatro cantos do globo, contatando alguns poucos humanos de sua inteira confiança, escolhidos a dedo, a fim de alertá-los a respeito do que estava por vir. Não contente em avisá-los, Enki foi além e forneceu-lhes as especificações técnicas para que construíssem enormes embarcações capazes de salvá-los da grande inundação juntamente com a flora e a fauna da região em que habitavam.

Assim, Noé, Ziuzudra, Utnapishtim e vários outros representantes da fragilizada raça humana começaram a construir as famosas arcas.

Conforme havia sido previsto, o Dilúvio veio e varreu a Terra, matando milhões

e destruindo todas as civilizações que haviam surgido e se desenvolvido antes dele.

Os Anunnaki, por sua vez, assistiram a tudo do espaço, na segurança das suas naves, impotentes e inconformados. Ao ver a destruição da Terra, Enlil se arrependeu e jurou, perante os irmãos, que a partir daquele momento passaria a proteger e ajudar os sobreviventes humanos salvos pela coragem e ousadia de Enki, perdoadando-o por tê-lo desobedecido.

Pela primeira vez, os Anunnaki das duas vertentes se uniram e, assim que as águas baixaram e as arcas assentaram sobre terra firme, eles voltaram, se separando e fornecendo a estrutura necessária para que a raça humana pudesse se reerguer: as sementes, as ferramentas e o conhecimento sobre todas as áreas, indispensáveis para qualquer civilização progredir e se desenvolver.

Pouco tempo depois, em 10.500 a.C., três importantes regiões da Terra foram concedidas aos sobreviventes do Dilúvio: a Mesopotâmia que foi drenada por Ninurta – filho de Enlil – e se tornou novamente habitável. O Vale do Nilo, recuperado por Marduk – filho de Enki. E a Península do Sinai, que ficou nas mãos dos Anunnaki, pois eles pretendiam construir ali um novo espaçoporto para substituir o antigo, que foi destruído no Dilúvio. O novo Centro de Controle da Missão Terra foi instalado no cume do Monte Moriá.

O tempo passou e, em 7.450 a.C., os Anunnaki resolveram conceder importantes avanços biológicos aos seres humanos, dotando-os de maior inteligência. E o fizeram, mas, por precaução, reduziram drasticamente a sua expectativa de vida e também a sua imunidade bacteriológica. Foi quando começou o período Neolítico e surgiu o Homo-Sapiens propriamente dito, cuja longevidade não alcançava agora nem dez por cento da capacidade vital original.

E a vida seguiu o seu curso. Até que, em 3.800 a.C., a civilização urbana teve início de fato, na Suméria, ao serem restabelecidas as antigas cidades de “Eridu” e de

“Nippur”. Mais tarde, Anu veio à Terra para uma visita de estado e uma nova cidade, “Uruk”, foi construída em sua homenagem, juntamente a um esplendoroso templo-palácio que se tornaria a morada de sua amada e protegida neta Inanna – filha de Enki – também conhecida como Ishtar. Também foi nesta época que os Anunnaki regentes de todas as culturas ao redor do mundo passaram a ser encarados como deuses poderosos e sobrenaturais. Eles gostaram disso e nada fizeram para impedir a adoração e a idolatria que rapidamente tomaram conta dos núcleos humanos. Pelo contrário, descobriram nelas uma importante arma de domínio sobre as massas, e passaram a incentivar os cultos em sua homenagem e a punir quem não os venerava adequadamente. Criaram as leis e as regras sociais e teológicas, além de uma série de rituais que mais tarde resultariam nas famigeradas religiões pagãs.

Todas as culturas floresceram e se expandiram. E como não poderia deixar de ser: com o progresso, vieram os problemas. As guerras por poder e domínio tiveram início; e os Anunnaki as enxergaram, inicialmente como jogos divertidos em que os humanos eram meros peões. Por conta disso, para preservar o sigilo das informações das facções rivais, surgiram infinitudes de códigos secretos, dando origem a centenas de novas línguas, que passaram a ser faladas pelas mais diversas culturas.

Não obstante, os jogos, antes divertidos, acabaram se transformando em sérias rixas entre os próprios Anunnaki. Os seguidores de Marduk, de repente resolveram se conflagrar em uma catastrófica rebelião contra os seus conterrâneos que defendiam a subjugação dos homens, mas cujo verdadeiro fim era conquistar o domínio sobre todo o mundo conhecido.

Mas eis que os rebeldes liderados pelo ambicioso filho de Enki perderam e foram expulsos da Suméria. Embora persistissem, mesmo no exílio, na luta por seus ideais revolucionários.

Aos poucos, com o fluir do tempo, eles arregimentaram um gigantesco exército,

com o qual marcharam novamente contra seus inimigos. A guerra recomeçou e, pela primeira vez chegou ao Sinai. Os Anunnaki de lá se viram forçados a, em 2.900 a.C., transferirem a Sede da Monarquia suméria para Uruk.

Despojada de seu antigo lar, Inanna/Ishtar foi deslocada para a quarta região, até então neutra no conflito. E assim começou, de fato, a civilização no Vale do Indo.

Paralelo a isso, uma nova era humana se iniciou com o nascimento de Abraão, em 2.123 a.C., na cidade de Nippur. Época em que Ur foi declarada a capital do Novo Império e o humano Ur-Nammu ascendeu ao trono e passou a ser conhecido como “O Protetor de Nippur”. Pouco tempo depois, Terah, o pai de Abraão, outro ser humano fiel aos Anunnaki foi consagrado sacerdote, tendo de mudar para Ur, que servia de elo entre o centro religioso e a corte real dos nibiruanos.

Em 2.096 a.C., Ur-Nammu morreu em batalha contra as tropas de Marduk. O povo considerou a sua trágica morte uma traição dos Anunnaki e se aliou à Marduk, atacando os templos e sedes do governo. Terah obrigou-se a fugir com a família para Haran, onde Abraão cresceu e se tornou um adulto vigoroso e fiel aos deuses de seu pai: os Anunnaki regentes do Sinai.

Por volta de 2.055 a.C. os partidários de Marduk finalmente atingiram a entrada do Sinai, ameaçando a segurança da base de operações Anunnaki e do espaçoporto localizados no Monte Moriá. Abraão, agora um general das tropas de cavalaria sob o estandarte dos Anunnaki, recebeu ordens para partir imediatamente rumo ao sul de Canaã, onde deveria acampar com seu poderoso exército.

Neste meio tempo, formava-se uma coalizão de reis do leste sob o comando de Marduk, que marcharia, em 2.024 a.C., contra Canaã e a Península do Sinai. Com a ajuda do avançado poderio militar dos Anunnaki, Abraão logrou conter o avanço dos invasores na região de entrada do espaçoporto. Em contrapartida, aproveitando a distração proporcionada por seus aliados do leste no Sinai, Marduk invadiu a Suméria

e assumiu o trono da Babilônia.

A dura contenda então se transferiu do Sinai para a Mesopotâmia, assumindo hediondas proporções; e só terminou quando o Conselho Anunnaki aprovou o uso de armamento nuclear. Enki, desde o início se opôs à ideia, mas foi derrotado outra vez na votação.

Enquanto as tropas de Marduk se preparavam para a investida final contra o espaçoporto no Monte Moriá, os Anunnaki se anteciparam e destruíram as duas mais importantes bases cananéias, pertencentes aos rebeldes.

A destruição de Sodoma e Gomorra pôs um fim à guerra. Todavia, por uma cruel fatalidade do destino, os ventos comuns da estação carregaram a nuvem radioativa para a Suméria, cuja população passou a conviver com uma calamidade terrível. Os animais pereceram. A água ficou envenenada. O solo se tornou estéril. As pessoas adoeceram e morreram.

Impotentes e inconformados com a própria estupidez, os Anunnaki assistiram à gradativa degeneração daquela que, no passado, havia sido a mais antiga e próspera civilização da Terra.

III

De volta ao presente...

O velho arqueólogo acondicionou a última tabuinha de argila dentro da enorme caixa de madeira, inteiramente protegida com plástico-bolha, a despeito de que cada uma delas também fora forrada com o material protetor.

Pouco depois, carregadores entraram na tenda e, sob a supervisão do homem, conduziram o pesado volume para a carroceria de uma potente caminhonete, que o transportaria até o aeroporto, de onde o mesmo seguiria para um renomado museu

em Londres.

O veículo ainda afastava-se, em meio a uma nuvem de poeira, quando o ancião retornou ao aconchego de sua tenda. Ele tinha muito trabalho pela frente, afinal de contas, o seu relatório ainda estava pela metade. Mas como ele detinha todo o resto da história vívida em sua mente, através de recordações que jamais o abandonariam mesmo que vivesse por toda a eternidade, não tinha necessidade de conservar consigo as preciosas tabuinhas. Elas agora pertenciam aos habitantes da Terra: os homens. E que estes dessem a elas o destino que melhor lhes aprofundasse.

O velho sentou-se à mesa de ferro quadrada, já com o notebook ligado e pronto para receber os dados. Repassando as suas lembranças mais longínquas, de súbito ele regressou novamente ao passado. E reviveu cada sucinta passagem, desde o desastre nuclear da Suméria, até o imprevisto surgimento de um novo elemento no cenário.

Novo elemento este que selaria para sempre o destino dos orgulhosos Anunnaki, despojando-os de seus tronos divinos e enviando-os para o eterno exílio, às sombras da raça inferior que eles próprios criaram...

IV

Sem as tabuinhas para fornecerem uma orientação cronológica mais exata, as lembranças eram agora destituídas de datas, porém mantinham-se vívidas na mente do ancião.

Após a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, os Anunnaki viveram um longo período de paz, no qual dedicaram o seu tempo, integralmente, à evolução da espécie humana, assim como ao desenvolvimento tecnológico e social de suas cidades.

Ishtar fez progredir o Vale do Indo, enquanto os irmãos Enki, Enlil e Ninharsag se dedicaram exclusivamente ao Sinai, protegendo o Centro de Controle da Missão e o

espaçoporto, ao mesmo tempo em que ajudavam no desenvolvimento dos inúmeros povos vizinhos da base Anunnaki. Marduk, por sua vez, mudou-se para o Vale do Nilo, para onde foi exilado com o seu séquito após o término da malograda rebelião em ele que pretendia usurpar o trono da Terra, passando a governar com mão ferro o Egito e os povos que nele residiam como escravos.

Tudo ia bem para os Anunnaki, até que, de uma hora para a outra e sem nenhum aviso, despontou no cenário uma enigmática e misteriosa figura, destinada a alterar a História para sempre. O seu nome: Yaweh. Status: o deus do povo hebreu, na época, escravizado pelos egípcios. Um novo deus que ninguém sabia de onde surgira, mas que aparecera já causando o maior alvoroço.

Do nada, esse prepotente deus exigiu a total libertação do seu povo ou enviaria uma série de pragas sobre o Egito. Achando tratar-se de uma fraude criada pelo povo judeu para ludibriá-lo, Marduk – também conhecido como Rá, o deus-sol egípcio – orientou Ramsés, o então faraó, a desdenhar o pedido do tal Yaweh, feito pela boca de seu irmão adotivo Moisés, um paria hebreu criado como príncipe egípcio. Mas eis que as pragas realmente aconteceram, uma mais terrível do que a outra.

Todavia, Marduk ainda não estava convencido da divindade de seu oponente, julgando ele tratar-se apenas de alguém dotado de avançada tecnologia bélico-militar equivalente à dos Anunnaki. Alguém que utilizava o conhecimento ancestral como subterfúgio para se travestir de deus, da mesma forma como ele e os seus o haviam feito desde o princípio dos tempos.

Marduk não, mas o faraó sim, acabou se convencendo da divindade de Yaweh e, contrariando a vontade do deus Anunnaki, ele terminaria por libertar o povo hebreu após o morticínio dos primogênitos.

Quando Marduk ficou sabendo do êxodo dos israelitas, descobriu que eles já haviam partido da cidade de Succot na direção da Terra Prometida, escoltados pelo

próprio Yaweh. Imediatamente, o encolerizado Anunnaki ordenou ao faraó que os perseguisse e os trouxesse de volta, ao que Ramsés prontamente obedeceu.

Os soldados egípcios alcançaram o povo de Moisés junto ao Mar Vermelho. E, inexplicavelmente, o exército do faraó foi barrado por uma coluna de fogo surgida das entranhas da terra e que perdurou a noite toda. No alvorecer do dia seguinte, o servo de Marduk percebeu, com assombro e consternação, que as águas do Mar Vermelho haviam se retirado para que o povo escolhido pudesse cruzar à outra margem.

Sem pensar, ele mandou os seus carros de batalha, juntamente com o colossal exército egípcio, avançarem. Contudo, para sua surpresa e incompreensão, as águas, após o último hebreu cruzar por elas, subitamente retornaram ao seu lugar de origem, caindo ferozes e implacáveis sobre os soldados, afogando-os.

O desconhecido Yaweh vencera o poderoso Rá. Inconformado com a vergonhosa derrota, Marduk convocou uma assembléia urgente do Conselho dos Anunnaki, onde exigiu que o Povo das Estrelas interferisse e destruísse os israelitas, juntamente com o tal Yaweh. Mas acabou sendo convencido por seus conterrâneos a deixá-los em paz, por ora, pois os Enki e Enlil queriam saber antes de atacarem, com quem estavam lidando.

Enki foi enviado ao encontro do povo judeu, como observador. E foi na condição de espião que o veterano Anunnaki presenciou o que mais tarde seriam considerados verdadeiros milagres.

Assim que se juntou, disfarçado, aos israelitas, Enki viu o povo ser alimentado com uma substância mágica que toda noite caía do céu: o maná. Viu as nuvens de fogo que seguiam na frente e na retaguarda do povo hebreu, guiando-o pelo deserto. Viu Moisés receber as tábuas dos Dez Mandamentos e escutou o próprio Yaweh falando através da Arca da Aliança diversas vezes. Mas jamais conseguiu vislumbrar a face do misterioso deus dos israelitas ou conversar diretamente com ele.

Com isso, o mistério só aumentava. E os Anunnaki, em uma nova assembléia, decidiram esperar mais um pouco, antes de partirem para a ofensiva final.

O tempo passou lentamente e, após quarenta anos de peregrinação pelo deserto, Enki e os hebreus finalmente chegaram à Península do Sinai. Conduzidos por Yaweh e auxiliados pelos incríveis poderes sobrenaturais do misterioso deus, aos poucos, os israelitas passaram a destruir, sistematicamente, todos os povos antigos que, sob a égide dos Anunnaki, ainda habitavam a região.

Uma nova guerra teve início.

Enki viu-se obrigado a retornar para o seu antigo lar, reassumindo seu posto no espaçoporto. Muito sangue foi derramado, antes de os Anunnaki se darem por conta de que travavam duelo contra um rival infinitamente mais poderoso e mais cruel, um adversário onipotente, onipresente e onisciente, praticamente invencível.

Gradativamente, os envelhecidos deuses sumérios foram sendo derrotados, um a um. E, como consequência, foram sendo eliminados do consciente coletivo humano. Os poucos que sobraram, para evitar uma morte terrível, retornaram para Nibiru ou se recolheram em um exílio forçado, abandonando os templos e palácios; e passando a viver incógnitos entre os homens.

Então, de repente e sem nenhuma explicação, surgiu outro personagem-deus nos palcos da antiguidade. E, num piscar de olhos, o maior inimigo dos Anunnaki, o misterioso e vingativo Yaweh, simplesmente desapareceu, cedendo lugar a *Abba*, um conceito inovador e polêmico de Deus-Pai amoroso, que acabou adquirindo forma e poder através da controvertida mensagem transmitida pelo seu filho, supostamente enviado à Terra para salvar a humanidade, redimindo-a de seus incomensuráveis pecados e iniquidades.

E foi através desse rebento do novo Deus *Abba* que Enki, na época um exilado, presenciou a história mais impressionante da sua vida. Uma sucessão de fatos e de

milagres que mudou para sempre a sua concepção do termo “*Divino*”.

Por uma casualidade do destino, ele se encontrava em Jerusalém, por ocasião da Páscoa judaica e, totalmente sem querer, teve a sua atenção atraída para as escadarias do Templo, onde um homem de barbas e cabelos compridos, porte altivo e bastante carismático proferia um revolucionário discurso. Foram palavras e concepções novas que calaram fundo em sua alma, mudando para sempre a sua maneira de enxergar as coisas. No dia seguinte, ele assistiu ao mesmo homem de olhar brando e apaziguador perder a paciência, virar barracas e atacar com um relho um grupo de comerciantes que desrespeitosamente as haviam montado na área interna do recinto mais sagrado do Templo.

Hora depois, à noite, Enki presenciou a prisão e o martírio a que o tal sujeito foi submetido. E na manhã seguinte assistiu, desolado, ao julgamento público, no qual aquele ser iluminado que aprendera a admirar, acabou sendo condenado a morrer crucificado, tão somente por ter ousado autoproclamar-se “*Filho de Deus*”; e o que foi pior: condenado pelo próprio povo, as mesmas pessoas que dias antes o enalteceram como o “*Rei dos Judeus*”.

Mas foi só ao encará-lo na Via Dolorosa, com a coroa de espinhos perfurando-lhe a cabeça e o gigantesco *patibulum* nas costas, que Enki percebeu que aquele deveria ser o tal homem milagroso de que Marduk tanto lhe falara e que certa vez decidira confrontar no deserto, tentando-o de todas as formas a abandonar o seu deus *Abba* e se juntar aos Anunnaki. O sujeito, no entanto, resistira bravamente aos argumentos e às ameaças do filho de Enki e seguira resoluto o próprio caminho.

Impotente e inconformado, o Anunnaki limitou-se a acompanhar, oculto pelas sombras, o sofrimento do sujeito; e até o ajudou a carregar a cruz por alguns metros, quando, em determinado momento, este não suportara o peso do *patibulum* e caíra, protagonizando uma das mais célebres passagens da Via Sacra.

Enki viu-o ser crucificado e morrer. Ele estava presente durante o forte tremor e o assustador temporal que se seguiram à morte do sujeito.

Mas, a bem da verdade, foi só depois da milagrosa e inexplicável ressurreição do Iluminado, que o espião Anunnaki também conferiu assombrado, que ele finalmente compreendeu que realmente existia um Deus verdadeiro, acima de todos os outros. Um Deus Maior e que era ao mesmo tempo Onipotente, Onisciente e Onipresente.

Quando caiu a ficha, Enki já se encontrava a meio caminho de formular a mais absurda das teorias, segundo a qual, durante toda a sua efêmera existência, ele e os seus irmãos Anunnaki, nada mais haviam sido do que meras engrenagens do Destino, que agora também ele reconhecia pelo verdadeiro nome: *Abba*; e que tudo pelo qual eles passaram ao longo daqueles milênios, tinha sido parte integrante de um plano divino maior para que a vontade dessa irrefutável Energia Cósmica Geratriz da Vida e Mantenedora da Paz e da Harmonia Universal se fizesse cumprir.

Convicto em sua nova ideologia filosófica, o Anunnaki deixou Jerusalém.

V

De volta ao presente...

Dias mais tarde, o Museu Britânico recebeu a caixa com a inestimável coleção de tabuinhas de argila, ao mesmo tempo em que os maiores e mais respeitados veículos de comunicação do mundo receberam cópias digitais da sua tradução.

Ao contemplar a polêmica reportagem sobre o Povo das Estrelas e a sua inegável influência na História da Terra, o velho arqueólogo sorriu satisfeito. Ele sabia que, em breve, a própria humanidade seguiria o seu exemplo. Com o avanço da tecnologia e com a nova passagem de Nibiru pelas proximidades da Terra, prevista para ocorrer em um futuro próximo, após 3.600 anos orbitando nos confins mais longínquos do

Sistema Solar e de ter permanecido totalmente incógnito aos olhos do homem, logo o planeta seria redescoberto pelos astrônomos de plantão. E quando isso acontecesse, o ser humano daria um novo salto rumo à própria evolução. E, a partir de então, aos poucos, o homem desvendará os mistérios do Universo, igualmente tornando-se deus, ou melhor, um mensageiro Dele nos mundos que indubitavelmente visitará.

O que o velho arqueólogo esperava de tudo aquilo, no entanto, era que aquele legado pudesse ensinar algo aos habitantes do planeta azul e, talvez, impedir que a humanidade cometesse os mesmos erros que os seus antigos deuses sumérios haviam cometido, no tempo em que ocuparam os tronos divinos, regendo tanto os destinos de Nibiru como o do nosso planeta.

E então, Enki – o Senhor da Terra, filho de Anu, pai da Humanidade e o último Anunnaki ainda vivo na Terra – entrou em sua nave e deixou o nosso planeta, para sempre, rumo a Nibiru. Mas ele partiu feliz e realizado por ter concretizado o seu maior sonho, cultivado por mais de dois mil anos: o sonho de ajudar o “Iluminado” a tornar pública a existência de *Abba* (o Deus Único e Verdadeiro), assim como a sua verdadeira mensagem, através daquela inusitada biografia terráqueo-nibiruana. A mesma que ele agora pretendia levar ao seu planeta natal e que futuramente haveria de ficar conhecida em ambos os mundos como...

“O Legado Anunnaki”.

(ILUSTRAÇÃO)
“O LEGADO ANUNNAKI”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

Jonas estava sem palavras. O conto que acabara de ler, em sua concepção, era o melhor que já havia lido, em toda a vida, sobre a polêmica e controvertida teoria dos “Deuses Astronautas”, tão amplamente aceita e difundida em seu tempo.

O garoto não sabia como expressar verbalmente, mas havia adorado a apologia feita pelo autor ao passado da raça humana, invocando elementos-chave da Mitologia Suméria para recontar, sob um ponto de vista alternativo e original, a História da Terra e da evolução humana, desde a mais remota das eras até o advento das religiões judaico-cristãs.

“Esse conto foi escrito para servir como um breve resumo introdutório à série de livros que escrevi, intitulada 'PROJETO TERRA', na qual romanceei a Mitologia Suméria, recontando, sob a roupagem de livros de ficção, os principais eventos que deram origem à verdadeira História humana, segundo os relatos que os escribas sumérios nos deixaram em suas famosas tabuinhas de argila. No decorrer da série, eu relato desde o surgimento da Terra e a criação do homem até o Fim dos Tempos, com direito, inclusive, a uma previsão de como será o Apocalipse e a Apoteose Final da humanidade” – o espírito de Márson Alquati explicou com orgulho ao menino.

– Legal! Se não me engano, já vi alguns *PDF* desses livros na biblioteca virtual da minha escola. Eu vou baixar todos eles no meu tablet. E os lerei assim que puder...

– Jonas afirmou visivelmente entusiasmado.

Então o garoto sentiu a necessidade de dar um pulinho rápido no banheiro. E estava urinando distraído, quando o fantasma escritor materializou-se de súbito no mictório ao lado do seu.

“Que noite divertida! Nós precisamos repetir a dose outras vezes...” – disse o espectro, enquanto fingia também urinar.

Jonas assustou-se com a aparição repentina e se molhou todo, ao que o fantasma limitou-se a rir abertamente.

— Droga! – xingou ele. – Você não pode entrar pela porta como todo mundo?

“E perder a oportunidade de ver você se mijando todo de susto? Não mesmo...”

– o fantasma Márson Alquati deu uma gargalhada e desapareceu.

Jonas se secou como pôde com uma folha de papel e retornou ainda bravo para a mesa com o baú. Ao passar por uma janela, observou que a noite seguia o seu curso. Já passava da meia-noite; e a tempestade lá fora não dava sinais de que iria passar tão cedo. Pelo menos agora era apenas vento e chuva, uma vez que os raios e os trovões haviam dado uma trégua.

“Nossa, o que houve com a sua calça?” – o escritor fantasma perguntou-lhe com cinismo ao vê-lo de volta à mesa.

— Você sabe muito bem, seu metido a engraçadinho do além túmulo! – Jonas se sentou, controlando-se para não despejar o monte de impropérios que passava pela sua cabeça naquele momento, em respeito à senhora ali presente.

E, sob o pretexto de se acalmar, ele passou a ler o próximo original...

O GUARDIÃO DO SHEOL

Domingo, 02h50min...

Meia dúzia de viaturas policiais, com os giroflex ligados, se aglomerava diante do clube da alta sociedade onde acontecia a tradicional festa de formatura do curso de Direito de uma conceituada universidade federal. Os policiais tentavam, a todo custo, colocar ordem no tumulto gerado pelos formandos, familiares e convidados que se atropelavam para ver o corpo estirado no estacionamento sobre uma gigantesca poça de sangue, atrapalhando o trabalho da perícia.

O cadáver pertencia a uma mulher loira, jovem e atraente, mas que agora não passava de um reles amontoado de carne inerte, cuja condição deplorável intrigava sobremaneira os peritos encarregados de estabelecer as circunstâncias da sua morte.

Aparentemente, a vítima havia sido, de alguma forma inexplicável, literalmente rasgada de dentro para fora, na altura do peito, onde restava uma imensa cavidade aberta, através da qual era possível vislumbrar os órgãos internos da moça.

Embora a arma do crime não tivesse sido localizada, havia um suspeito: o rapaz de olhar perdido e feições abaladas que era mantido sob custódia, isolado da multidão para evitar que fosse linchado.

Um investigador da polícia civil o interrogava.

— Vamos lá, garoto... Você já está bastante encrencado, de modo que continuar a omitir a verdade só piorará as coisas para o seu lado! Eu vou perguntar pela última vez: o que aconteceu aqui?

O rapaz encarou o policial com os olhos vermelhos, marejados de lágrimas e um semblante de consternação. Respirou fundo e, munindo-se de coragem, destrinchou a

sua versão dos fatos...

II

Sábado, algumas horas antes...

Após a cerimônia de colação de grau, os formandos, parentes e convidados se dirigiram para o clube onde seria realizada a festa de formatura.

Raúl adentrou o salão com um amplo sorriso de vitória estampado na face.

Afinal de contas, a despeito de todos os desafios que tivera de enfrentar na vida, ele conseguira se formar. Órfão de pai e mãe, Raúl acabou sendo criado numa casa de triagem do governo. Aos dezoito anos, porém, foi solto nas ruas, com uma mão na frente e a outra atrás. Campeou um emprego de garçom em uma churrascaria, onde trabalhou duro por sete anos para pagar os estudos. E eis que agora ali estava ele: o mais novo advogado do Brasil.

Raúl não tinha convidados nem familiares na formatura, mas decidiu curtir a festa assim mesmo. Planejou beber todas, dançar até cair e se divertir muito com os demais formandos até o sol raiar, posto que havia terminado com a namorada apenas duas semanas antes.

Pouco mais de uma hora se passou, quando após outro drink, o rapaz foi puxado pelos amigos para a pista de dança. Foi neste momento que ele reparou na loira, nada discreta, que o observava atentamente no extremo oposto do salão. A garota era uma verdadeira beleza: deslumbrante, linda e carismática. Usava um vestido preto curto, chamativo e sensual, que realçava as curvas de seu corpo, deixando visíveis as pernas bronzeadas e bem torneadas.

Ela o cumprimentou com um sorriso e um aceno de cabeça.

Raúl perdeu o fôlego. E, meio sem jeito, respondeu ao cumprimento, tentando se

lembrar, em vão, de onde conhecia a garota. Somente algum tempo depois, o rapaz chegou à conclusão de que nunca a vira antes. A moça devia ser convidada de algum formando, o que era estranho, visto que se encontrava isolada, em um canto à parte, afastada de todos os demais presentes.

Ela se aproximou, fazendo o coração do jovem disparar. Parou diante dele, no meio da pista, e começou a dançar de forma discreta, porém sedutora. Os amigos de Raúl prontamente se afastaram, deixando os dois sozinhos, no exato instante em que a banda mudava para uma balada romântica.

Desinibida, a garota abraçou Raúl, passando as mãos pelo pescoço dele, que por sua vez, não se fez de rogado e aproveitou o momento para se aconchegar juntinho ao escultural corpo da loira.

Cochichando baixo, um ao ouvido do outro, eles se apresentaram e conversaram sobre diversos assuntos, a maioria amenidades, até que finalmente rolou o primeiro beijo, um verdadeiro “amasso” de tirar o fôlego.

Ao colar os seus lábios nos de Kelly, Raúl sentiu as pernas fraquejarem como se tivesse as forças subitamente drenadas pelos lábios carnudos e sensuais da garota. Mas ela o sustentou de pé, afastando-se dele e convidando-o para saírem da pista de dança.

De mãos dadas, os dois pombinhos se deslocaram até um sofá vazio, num canto escuro, e estrategicamente reservado do salão, onde permaneceram durante a maior parte da noite, trocando carícias e “amassos”.

III

Domingo, por volta de 01h30min...

A sessão de “amassos” prosseguia arrebatadora. Raúl sentia-se no paraíso, com a

plenitude das realizações o abraçando naquela gloriosa noite. Não bastasse para ele ter realizado o sonho de formar-se advogado, também acabara ficando com a gatinha mais ferosa e sensual da festa.

Todavia, como nada é eterno, de uma hora para a outra, tudo mudou.

De repente Kelly afastou-se, assustada, olhando em volta como se tivesse visto um fantasma.

— O que foi? — Raúl indagou surpreso, voltando-se para trás e deparando com um sujeito mal encarado e assustador, enfiado em um sobretudo surrado de couro preto, que destoava com o ambiente fino e elegante e, principalmente, com o forte calor que fazia. Mas não foi isso que perturbou o formando, e sim o fato de que o dito-cujo os observava, a ele e à Kelly, insistentemente do outro extremo do salão.

Kelly pareceu não ter visto o homem. Era como se olhasse através dele e só Raúl fosse capaz de vê-lo.

— Nada. Tive uma sensação ruim, só isso. — ela respondeu, disfarçando o pânico inexplicável que subitamente a possuía. — Que tal sairmos um pouco para pegar um ar? Está muito abafado aqui dentro...

Raúl concordou. E quando se virou novamente, o tal sujeito mal encarado não estava mais lá, e em nenhum outro lugar do salão, de modo que, por alguma razão desconhecida, ele resolveu não mencioná-lo para Kelly.

O casal deixou o salão de baile. Raúl e Kelly foram direto para o estacionamento do clube, por sugestão da garota, que deixou transparecer a intenção de avançarem mais um passo no relacionamento.

Com a libido a ponto de explodir e os seus pensamentos voltados apenas para o que estava prestes a acontecer, Raúl a seguiu sem questionar. Ele só conseguia pensar no ato sexual que culminaria no ápice daquela noite mágica, sem se importar com as prováveis consequências ou as indispensáveis precauções que a situação requeria.

Àquela hora, o estacionamento do clube encontrava-se repleto de carros, mas completamente vazio de presenças humanas. Eles logo encontraram um canto isolado e escuro, propício a lhes proporcionar a privacidade de que necessitavam.

Raúl mal podia conter-se de tamanha excitação, tanto que não foi sequer capaz de perceber a sutil mudança no olhar de Kelly, que de apaixonado passou a sombrio.

Quando ele se deu conta de que algo estava errado, já era tarde demais...

Assim que foram envoltos pelas sombras, a garota subitamente estacou, adquiriu feições sinistras e começou a se retorcer como se tivesse sofrendo um ataque epilético.

Raúl, petrificado de susto, não acreditou quando vislumbrou Kelly ser rasgada ao meio, de dentro para fora, como se tivesse sendo cortada em duas por uma espécie de motosserra invisível. Um átimo de segundo depois, a bela e atraente loira cedeu lugar a uma criatura demoníaca que saiu de seu peito dilacerado e cresceu acima de Raúl, envolvendo-o em uma teia de sombras, impossibilitando qualquer reação por parte do atônito rapaz.

O corpo humano e despedaçado da loira caiu aos pés de Raúl, enquanto ele era agarrado e imobilizado pelo espectro nebuloso.

— Vocês humanos são tão fáceis de manipular — o demônio rugiu com voz grossa e gutural.

Aproximou a bocarra deformada da boca de Raúl e, ato contínuo, passou a sugar a energia vital do rapaz. Raúl sentiu, de súbito, uma fraqueza avassaladora, seguida por fortes tonturas, náuseas, pulsação acelerada, pânico desenfreado e perda parcial da capacidade de raciocínio.

O rapaz estava prestes a perder a consciência, quando um grito ecoou na noite. Pelo canto do olho, ele vislumbrou algo que, se não fosse pelo bizarro da situação que vivenciava, teria deixado-o ainda mais perplexo.

Saltando por cima dos veículos estacionados, vinha em seu socorro o tal sujeito

mal encarado que ele avistara na boate poucos minutos atrás. Aquela até poderia ser uma visão aceitável, não fosse pelo simples fato de que o indivíduo empunhava uma poderosa espada flamejante e um espantoso par de asas emplumadas que, totalmente abertas, ocupavam o espaço de dois carros cada uma, brotava de suas costas.

A súcubus* soltou o rapaz, urrando de ódio e frustração por ser interrompida. E também desembainhou uma comprida espada flamejante, só que com chamas negras, partindo para o confronto.

Atordoado e muito fraco para fugir, Raúl limitou-se a sentar-se de costas para o muro que delimitava a propriedade, de onde observou a violenta batalha que passou a ser travada entre as duas entidades sobrenaturais.

Os entrechoques das espadas produziram faíscas que macularam a escuridão da noite. Os golpes eram duros e calculados, mas ambos os contendores eram excelentes guerreiros. E, somente depois de um bom tempo, que ao jovem espectador pareceu uma eternidade, e muita luta foi que o anjo finalmente conseguiu, num movimento rápido e preciso, desarmar o adversário.

E então, com um gesto ensaiado, o celestial produziu uma enorme esfera de luz brilhante na palma da mão, arremessando-a de encontro ao inconformado demônio. A esfera luminosa atingiu a criatura infernal, em cheio, aprisionando a súcubus em seu interior.

Só então, o anjo virou-se para Raúl, dirigindo-lhe a palavra pela primeira vez:

— Não se preocupe, meu jovem. Você ficará bem... Por sorte, eu cheguei a tempo de impedir que o maldito demônio sugador o despojasse de uma quantidade letífera de sua essência energética vital.

— O-obrigado, mas quem é você? — Raúl esforçou-se para se fazer ouvir, sem conseguir tirar os olhos da esfera luminescente com o espectro aprisionado dentro. —

* **Súcubus** = demônio feminino de aparência sedutora que se alimenta da energia vital dos homens.

E o que foi isso tudo?

O anjo suspirou resignado, explicando-lhe:

— De tempos em tempos, o Sheol, ou Inferno, abre os seus portões para receber novas almas condenadas e, eventualmente, alguns demônios inferiores se aproveitam disso para escaparem. Então nós, os Guardiões do Sheol, somos acionados e enviados para a Terra com a finalidade de persegui-los e aprisioná-los novamente. Contudo, só podemos fazê-lo quando eles abandonam os corpos terrenos usados como disfarces, assumindo as suas formas originais, o que acontece apenas no momento em que estão se alimentando, ou seja, sugando a energia vital dos mortais.

— O que teria acontecido comigo, se você não tivesse chegado a tempo? – Raúl perguntou, a um fio de voz.

— O súcubus teria se alimentado da sua energia até não restar mais nenhum vestígio dela, levando-o à morte, para depois se apossar do seu invólucro carnal, até encontrar uma nova vítima – o guerreiro alado respondeu, guardando a espada de fogo na bainha. – Agora preciso ir. Tenho uma entrega para fazer no Sheol.

Dizendo isso, o anjo abriu as enormes asas e alçou voo, arrastando consigo a esfera luminosa com o demônio recém capturado.

Ainda recostado ao muro, Raúl observou-os sumirem no horizonte.

Então, não aguentando mais, ele desmaiou ao lado do corpo sem vida da jovem beldade que um dia se chamara Kelly.

IV

Domingo, 03h20min...

— Você realmente espera que eu acredite nisso? – o policial encarou Raúl, com uma expressão nada amigável.

— Não. Mas é a verdade... — respondeu o rapaz, com o olhar distante.

— Muito bem. Vamos ver o que o juiz vai dizer sobre isso — o policial encerrou o interrogatório, prendendo ambos os pulsos de Raúl em um par de algemas.

E conduziu o rapaz para a viatura mais próxima. Ao deixarem a cena do crime, eles passaram pela caminhonete do IML, que permanecia estacionada bem no centro da confusão.

Enquanto os funcionários do instituto recolhiam o cadáver destroçado de Kelly, permaneciam sob a constante vigilância dos curiosos de plantão, que não arredariam o pé dali até tudo se resolver.

Raúl suspirou desanimado, desejando, do fundo da alma, que o demônio tivesse conseguido completar o seu intento. Pelo menos, se tivesse morrido, não precisaria ter de conviver, o restante dos seus dias, com aquela história maluca e inverossímil.

* * *

Moral da história: preste sempre o máximo de atenção a todos com quem você se relaciona. A pessoa que você menos imagina pode ser um fugitivo do Inferno. Um súcubus ou um incubus, cujo único objetivo é sugar a sua energia vital, para depois se apossar do seu corpo até encontrar uma nova vítima...

(ILUSTRAÇÃO)

“O GUARDIÃO DO SHEOL”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

“O Ministério da Saúde adverte: ficar com demônios é prejudicial à saúde!” – o espectro escritor de Márson Alquati brincou. – *“A partir de agora, tome cuidado ao arranjar uma namorada, garoto, senão você pode virar comida de súcubus”*.

– Queria ver você zombar desse jeito se estivesse na pele do Raúl e uma súcubus drenasse a sua energia... – Jonas rebateu nitidamente ainda ressentido com o amigo fantasma.

“Meninos, não percam o foco... Nós estamos aqui para ler, avaliar e discutir sobre os contos do baú e não para ficar implicando uns com os outros” – Jaqueline repreendeu-os, colocando ordem na sala.

– Tudo bem... Você está certa. Vamos nos ater aos originais – Jonas concordou com a fantasma, virando para o companheiro dela. – Sem ressentimentos?

“Ok, sem ressentimentos. Mas, voltando ao assunto, o que você achou desse conto?” – Márson indagou.

– Mais um que vai para a minha lista de favoritos – respondeu Jonas. – Gostei da maneira como a coisa foi conduzida do início ao fim, aquele clima de investigação policial mesclado com um toque de mistério sobrenatural; contudo o que mais me cativou foi o final: a parte da “moral da história”. Achei muito legal!

E então Jonas indagou-os a respeito de algo que vinha intrigando-o desde que começara a ler os originais.

– Imagino que vocês demoravam certo tempo para escrever cada história. Qual era a média para um conto ficar pronto: dias, semanas, meses?

“Que nada! A maioria dos nossos contos foi escrita numa tacada só” – Márson explicou. – *“Salvo raras exceções, poucos demandaram mais tempo do que algumas horas para ficarem prontos. Esse que você acabou de ler, por exemplo, foi pensado,*

escrito e revisado durante uma madrugada de verão em que eu estava de plantão no posto fiscal onde trabalhava, entre um atendimento e outro”.

— Puxa, como eu gostaria de ser assim. Mas a verdade é que preciso de vários dias para escrever uma única página e não consigo chegar nem perto dessa qualidade. Para um conto desse tamanho e com essa categoria eu acho que levaria semanas... — Jonas queixou-se desanimado.

“Não se preocupe, é assim mesmo” — Jaqueline sorriu. — “No começo a coisa flui devagar, mas depois que a gente pega o jeito, vira meio que automático e ficamos mais rápidos. Embora saibamos que o que realmente importa não é o tempo que uma obra leva para ser escrita, e sim a qualidade de sua narrativa e da história a ser contada”.

“É isso aí! Persista na arte da escrita e na leitura constante de novos títulos; e quando você menos perceber, estará escrevendo histórias maravilhosas, em tempo recorde” — Márson acrescentou.

— Vocês acham mesmo que um dia eu serei capaz de escrever tão bem quanto vocês? — Jonas interpelou visivelmente mais entusiasmado.

“Claro que sim, garoto!” — Márson afirmou. — “Basta não desistir jamais... E ler sempre que puder. Falando nisso, agora é um bom momento para você exercitar a segunda parte. Vai lá e manda ver com o próximo original”.

E Jonas, obedecendo-lhe, retirou mais um maço de folhas do baú e passou a lê-lo em voz alta...

RAGNAROK: O CREPÚSCULO DOS DEUSES

20 de Dezembro de 2012 d.C. (calendário dos homens)...

Já era o terceiro inverno seguido. Nove meses ininterruptos de frio intenso e de ventos cortantes, acompanhados por fortes nevascas que, por sua vez, precipitavam-se dos quatro cantos do céu, castigando impiedosamente os Nove Reinos situados em torno da *Yggdrasil* *. O Sol havia enfraquecido a ponto de suprimir toda a alegria do mundo. O caos e a desordem rapidamente se espalharam pelo Universo, tal como moléstias contagiosas para as quais não se tinha a cura. A planície de Ida encontrava-se inteiramente congelada. O inverno não fornecia pistas de que daria uma trégua. E para piorar, tudo se encontrava mergulhado na mais absoluta escuridão.

Na sala do trono de Godheim, o mais importante castelo de Ásgard – a morada dos deuses – Odin estava um tanto agitado, cercado pelos demais asgardianos.

Subitamente Thor ergueu Mjolnir acima da cabeça, calando a estrepitosa platéia.

– Caros irmãos asgardianos – Odin tomou posse da palavra, assim que o silêncio invadiu o ambiente. – Os sinais que estão à nossa volta são claros e inequívocos. Nós sabíamos que este fatídico dia chegaria, embora ainda acalentássemos esperanças de poder evitá-lo ou de prorrogá-lo indefinidamente. No entanto, agora sabemos que o destino, uma vez escrito, jamais poderá ser alterado, nem mesmo por nós.

O alvoroço tomou conta dos ouvintes que, boquiabertos, não acreditavam, ou fingiam não acreditar, no que haviam acabado de ouvir.

– Infelizmente – ele prosseguiu, com a voz trêmula. –, tudo à nossa volta indica que já estamos vivenciando os profetizados episódios que prenunciam o fim da nossa

* *Yggdrasil* = árvore ancestral localizada no centro do Cosmo, ligando os mundos dos homens aos dos Deuses. Segundo a Mitologia Nórdica é a fonte da vida nos Nove Reinos (nota do autor).

Era. O inverno tríplice, as guerras, a escuridão e o violento tremor que sentimos esta manhã nada mais são do que um prelúdio para o temido advento do *Ragnarok* *...

Uma comoção geral dominava os semblantes.

– E como você sabe que isto é realmente o “*Ragnarok*”? – perguntou-lhe Njord, o deus dos mares e um dos Vanir (deuses da natureza reféns dos Aesir desde o final da Guerra dos Deuses, na qual os segundos sagraram-se vencedores).

– Um pouco antes de convocar esta reunião fui informado por Hugin e Munin – Odin apontou para os dois corvos mensageiros a um canto da sala. – de que o tremor que todos testemunhamos, e que já sabemos abalou consideravelmente as estruturas dos Nove Reinos, registrou o seu epicentro em *Midgard* †, tendo como causa principal a autodestrutiva guerra, desprovida de sentido, dos seres humanos que, a despeito de todas as nossas advertências sobre os perigos de tal atitude, mesmo assim resolveram detonar uma das suas nefastas ogivas nucleares.

– Este fato isolado, por si, não seria tão grave se a explosão se tivesse restringido somente à dimensão mortal. Mas infelizmente não foi assim que aconteceu... – Thor acrescentou. – A detonação foi tão violenta que também trouxe sérias consequências às demais regiões do Universo, principalmente à nossa. O abalo cósmico decorrente dela, aliado à inesperada consumação de Sol e Mani (Lua), perseguidos e devorados pelos malditos Skoll e Hati, foi tão devastador que terminou por libertar Loki e seus primogênitos das prisões eternas que os encarceravam. E esta é a verdadeira razão da funesta escuridão que neste momento nos envolve.

Aquela nova informação provocou o mesmo efeito que uma bomba-relógio entre os deuses ali reunidos.

– Fenris está a solta, é isso? – Tyr indagou, com o semblante alterado.

* **Ragnarok** = Fim dos Tempos ou da Era dos Deuses segundo a Mitologia Nórdica (nota do autor).

† **Midgard** = Nome pelo qual a Terra era conhecida, segundo a Mitologia Nórdica (nota do autor).

Desde que tivera a sua mão direita devorada pelo lobo gigante, o corajoso deus ansiava por vingança contra o abominável filho de Loki.

– Ele não só está liberto – Thor antecipou-se ao pai e respondeu. –, como neste exato momento marcha, juntamente com as suas amaldiçoadas irmãs Jomungard e Hel, contra nós.

– Por Odin! – exclamou Vidar, pego de surpresa. – Isto é terrível! Precisamos detê-los antes que cheguem às fronteiras de Ásgard...

– Foi por isso que eu convoquei esta reunião. – Odin reiterou. – Na velocidade com que a marcha das forças do caos se desenvolve, eu calculo que eles entrarão no Vigrid a esta mesma hora de amanhã!

II

21 de Dezembro de 2012 d.C. (calendário dos homens)...

O campo de Vigrid, local onde há muito havia sido previsto que o último embate tomaria forma, estava repleto de guerreiros prontos para a batalha. De um lado, os Aesir ou asgardianos, os Vanir e os Einhejar*. E no outro extremo, o incomensurável e aterrorizante exército do caos, composto pelos filhos e monstros seguidores de Loki, pelos Jotuns, os gigantes do gelo e do fogo, e pela legião de mortos de Hel, a deusa do submundo.

Os Aesir e os seus aliados tremiam ante o vasto poderio do inimigo, muitas vezes superior, em número e força. Mas não se deixavam abater. Eles permaneciam firmes em suas posições, segurando as armas e artefatos de poder como se fossem extensões de seu próprio ser, prontas para entrar em ação pela última vez.

De repente, uma nova explosão, proveniente de *Midgard*, seguida por um forte

* **Einhejar** = valorosos guerreiros vikings mortos em ação e atuais moradores do Valhalla (do autor).

estrondo e por um novo abalo sísmico, sacudiu pela segunda vez os Nove Reinos.

Era o sinal que ambos os exércitos esperavam.

E a mais importante batalha da história universal teve início...

Num ataque simultâneo, os filhos de Musphelhein, o mundo do fogo, liderados por Surt, lançaram fogo aos Nove Reinos, enquanto os Jotuns e a sinistra Legião de Hel avançaram juntos sobre Bifrost, a ponte de gelo que estabelecia a ligação entre Ásgard e Midgard; e que não suportando tamanho peso, ameaçava ruir.

Sentindo o peso da responsabilidade, Heimdall, o guardião de Bifrost, convocou os Aesir à batalha, com o estridente soar de sua portentosa trombeta de chifre, cujo som foi ouvido até nos recantos mais remotos do cosmos.

Aos brados de “*Por Odin!*” e “*Por Ásgard!*”, o reduzido, porém valoroso, exército asgardiano se lançou ao combate.

O entrechoque entre as duas forças contendoras fez os alicerces do Universo dos Nove Reinos estremecerem. Entretanto, como era de se esperar, Bifrost não resistiu. De repente, a ponte do arco-íris se desintegrou; mas antes de ruir, muitos gigantes e espíritos das trevas a atravessaram, iniciando um cerco aos muros externos de Ásgard (construídos pelo gigante Hrimthurs em troca da promessa de casamento com a mais bela das deusas: Freya. O que, para a felicidade da Vanir, foi evitado pela astúcia de Loki, quando este ainda residia na morada dos deuses. Transformando-se em égua no último dia do acordo, ele seduziu o cavalo do gigante de modo a desviá-lo do trabalho. Deste modo, o muro não foi concluído a tempo e o casamento não aconteceu. Mas, como cômica consequência pela traquinagem, Loki acabou parindo Sleipnir, o cavalo de oito patas que posteriormente seria dado a Odin como presente).

Heimdall permaneceu na ponte até o último instante.

O valente asgardiano morreu pouco antes de Bifrost esfacelar-se em milhões de fragmentos de gelo, transferindo a frente de batalha para os muros.

E agora era apenas uma questão de tempo até estes também ruírem.

Antevendo o desastre, Tyr e Njord, entre outros, partiram em sua defesa.

Enquanto isso, no Vigrid, Odin e Thor comandavam os demais Aesir e aliados em uma sangrenta batalha pela supremacia do Universo.

O deus do trovão encontrava-se coberto de sangue, mas permanecia incansável no manejo de seu mortífero martelo mágico Mjolnir, abreviando as vidas de todos que se atrevessem a cruzar o seu caminho.

A luta prosseguia implacável e sangrenta.

E eis que finalmente Fenris, o lobo gigantesco, e Jomungard, a serpente marinha cujo comprimento era tal que podia circundar o mundo inteiro, chegaram ao Vigrid.

A situação rapidamente inverteu-se. A balança passou a pender para o lado dos representantes do caos. Fenris e Jomungard, na terra e no mar respectivamente, com as forças combinadas, literalmente passaram a devorar os inimigos de seu pai. O lobo disparava à frente dos exércitos das trevas com a boca completamente aberta, cuja mandíbula superior tocava os céus e a inferior a terra. Chamas ascendiam dos seus olhos e das narinas, queimando aqueles que logravam escapar das vorazes mordidas. Já a serpente marinha imitava o irmão, devorando os que lutavam no mar.

Os Aesir, Vanir e Einhejar passaram a tombar, como peças de dominós, entre as presas e garras afiadas das feras titânicas.

Aproveitando-se da desvantagem dos defensores, os Jotuns adquiriram um novo fôlego. E, de assalto, investiram com tudo contra as tropas asgardianas.

Fenris e Jomungard avançavam perigosamente destruindo a tudo e a todos que se colocavam em seu caminho.

Odin, vislumbrando o fim de seu reinado e da própria existência, subitamente incitou Sleipnir a galopar veloz para cima do primogênito de Loki. Enquanto o seu filho Thor seguiu para o mar, a fim de enfrentar a escamosa aberração reptiliana.

Naquilo, os muros de Ásgard finalmente cederam e o exército do caos invadiu a planície de Ida, atracando-se com as tropas de Tyr e de Njord. De súbito, passaram a ameaçar a morada dos deuses e a árvore da vida: Yggdrasil, o pilar dos Nove Reinos.

Paralelamente à batalha que se desenrolava na planície de Ida, Thor nadou até Jomungard. E, com um vigoroso salto, ao mesmo tempo em que se desviava de um mortífero ataque da besta marinha, o deus do trovão logrou montar em seu pescoço. E eles iniciaram uma luta sem precedentes, mergulhando e emergindo violentamente, vez após outra.

Em terra, Odin digladiava com Fenris, evitando as investidas do lobo e contra-atacando o monstro com a sua lança mágica, causando-lhe diversos ferimentos. Mas todos superficiais.

Em outro ponto da linha de frente, Tyr, um dos mais corajosos Aesir, foi vencido e terminou covardemente assassinado por Garm, o lobo guardião do lar de Hel. Que, por sua vez, foi morto pelos guerreiros asgardianos sobreviventes da falange protetora dos muros da cidade divina. Mas esta também foi derrotada, abrindo o caminho para os seguidores de Loki, que chegaram ao Yggdrasil, passando a ter de enfrentar agora as valorosas Valquírias que protegiam o gigantesco freixo. Somente após significativas perdas, os Jotuns conseguiram derrotá-las.

Neste meio tempo, Thor, com um incrível golpe de sorte, aliado à sua extrema destreza em combate, conseguiu matar Jomungard, mas foi envenenado pelo sangue da criatura que jorrou sobre si. Mesmo debilitado, o deus do trovão resolveu partir ao encalço de Loki, que naquela altura, encontrava-se amotinado na base da Yggdrasil, pronto para destruí-la.

Thor correu como nunca. Mas não conseguiu chegar a tempo de impedir que o deus embusteiro desferisse o primeiro golpe na árvore sagrada. E o freixo estremeceu, ressentindo-se da agressão.

Coincidentemente naquele exato instante, sucessivas explosões nucleares, todas provenientes da Midgard, deflagraram uma onda de novos abalos cósmicos nos Nove Reinos que, como numa reação em cadeia, começaram a sucumbir, um após o outro. Era a humanidade se autoexterminando no mais hediondo holocausto da história.

E em Ásgard, assim como no Vigrid, os combates ficaram ainda mais acirrados. Os seus protagonistas concentrando as últimas energias na armagedônica contenda.

Repentinamente, o céu escureceu ainda mais e as estrelas começaram a cair em Midgard, que finalmente acabou sendo consumida pelo fogo e depois foi tragada pelo mar, junto com a raça humana.

Thor observou que, em meio a tragédia, apenas dois humanos, Lif e Lifthrasir, haviam sobrevivido à hecatombe nuclear que devastara por completo a dimensão dos homens, protegidos sob as raízes da *Yggdrasil*.

Furioso, o deus do trovão avançou para cima de Loki e o matou, expirando logo em seguida, vitimado pelo veneno contraído do sangue da filha do embusteiro.

Concomitantemente à morte de Thor, após acirrada batalha, Fenris conseguiu sobrepujar a Odin, ferindo-o fatalmente, pouco antes de engoli-lo, ainda vivo. E no decorrer de seu último suspiro, de dentro da barriga do monstro, Odin reuniu forças para assistir ao seu outro filho, Vidar, partir em seu socorro e rasgar a boca do lobo, matando-o.

E então, o silêncio e a escuridão renunciaram ao deus dos deuses o descanso e a paz eterna a que somente os mortos têm direito. E, no microssegundo final de sua divina existência, ele soube que o ciclo do Ragnarok finalmente havia se completado.

III

Com um sobressalto, Odin retornou à realidade.

Ofegante e terrificado, o abalado deus Aesir encarou a Sybil, o relutante espírito do Volva morto, a quem ordenara que lhe revelasse o futuro.

– O destino lhe foi revelado. Assim se dará o Ragnarok, também conhecido como Crepúsculo das Eras; a derradeira batalha entre a ordem e o caos, durante a qual os asgardianos serão derrotados e o Universo será destruído. Destruído, para só então renascer das próprias cinzas, dando início a um novo ciclo... Uma nova era que durará até o próximo Ragnarok! – afirmou o oráculo, se esvaindo em fumaça.

E o deus dos deuses voltou a ficar só na sala do trono. O dia estava terrivelmente frio. Odin, ainda trêmulo e assustado, não prestou atenção a este detalhe. Nem ao fato de que aquele já era o terceiro inverno ininterrupto em Ásgard.

Ele não conseguia afastar a reveladora visão apocalíptica da mente. Só quem tem o azar de vislumbrar a própria morte sabe o quão terrível passa a ser a sua existência a partir de então.

Odin levantou-se do trono, decidido a se esquentar primeiro com uma generosa dose de hidromel para, em seguida, tomar as providências necessárias na tentativa de evitar que a aterradora profecia se cumprisse.

O que o deus nem sequer imaginava era que já podia ser tarde demais... Tarde demais por que, naquela mesma manhã gelada e escura, o calendário adotado pelos habitantes da Midgard, negligentemente ignorado pelos Aesir e aliados, assinalava a fatídica data do último dia:

21 de Dezembro de 2012.

(ILUSTRAÇÃO)

“RAGNAROK: O CREPÚSCULO DOS DEUSES”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

Jonas depositou o original sobre a mesa.

– Maneiríssimo! Adorei a alusão ao Fim dos Tempos segundo o calendário Maia, prevista para acontecer em 21 de Dezembro de 2012, inserida no meio de um conto sobre Mitologia Nórdica e que se passa simultaneamente em Ásgard e na Terra! – ele relatou maravilhado. – Foi um verdadeiro golpe de mestre!

“Na verdade, o Fim dos Tempos encontra-se presente em praticamente todas as culturas e mitologias humanas, embora cada qual o relate à sua maneira. Por isso, eu achei que seria legal escrever algo neste sentido, unindo as tradições de dois povos tão distintos entre si, como os maias e os nórdicos, em um só conto. E assim surgiu o texto que você acaba de ler” – Márson Alquati concluiu.

“Eu lembro que na época em que esse conto foi escrito as pessoas só falavam no tal Apocalipse Maia, que felizmente acabou não acontecendo... Assim como todos os outros armagedons previstos antes dele” – Jaqueline comentou séria.

– Ainda bem... – disse Jonas. – Senão nós não estaríamos aqui hoje!

E o garoto novamente sentiu necessidade de esvaziar a bexiga.

“Cuidado para não errar a pontaria” – o escritor fantasma advertiu-o.

Jonas ficou vermelho como um pimentão. Todavia preferiu engolir a raiva e não responder, a cair na onda do espírito zombeteiro. Seguiu para o banheiro em silêncio.

Desta vez, ele pode fazer o que precisava em paz, sem interrupções ou sustos. E quando retornou à mesa com o baú contendo os originais dos Alquati, os espíritos já o aguardavam, ansiosos pela leitura do próximo conto.

Jonas não se fez de rogado. Imediatamente retirou um novo maço de folhas da caixa e, enquanto se acomodava na única cadeira disponível, começou a ler...

O ÚLTIMO ATO DO APOCALIPSE

Findar dos Dias, dos Tempos, da Era dos Homens ou do Mundo...

Para ele tanto fazia. O que realmente importava não era o nome dado, e sim, o próprio conceito da expressão “findar”.

Um conceito tão antigo quanto o próprio mundo; e que, desde as mais remotas eras até as mais recentes, fazia-se presente em todas as culturas e mitologias da Terra, sendo que cada qual, de comum acordo com as suas tradições, o registrava de alguma forma. Os sumérios, nórdicos, gregos, celtas, romanos, maias, incas, astecas, egípcios e demais povos da antiguidade sempre o evidenciaram em suas escrituras e em seus livros sagrados.

Um conceito tão antigo quanto o próprio mundo; temido e analisado, a fundo, pelos exegetas, teólogos e atuais adeptos das três maiores e mais influentes correntes religiosas da Humanidade: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo.

Um conceito tão antigo quanto o próprio mundo; mas que ninguém, em verdade, considerava ser capaz de transformar-se, algum dia, em fato verídico e consumado.

Ele mesmo, embora soubesse disso tudo e, não obstante, neste exato momento o vivenciasse na própria pele, ainda recusava-se a acreditar que a dantesca imagem diante dos seus olhos esbugalhados pelo terror, fosse, tão somente, o desencadear do prenunciado “*Armagedon*”. Ou seja: o último e derradeiro ato do “*Apocalipse*”.

De repente, deu-se por conta da realidade. E estremeceu. Para todos os lados a que dirigia o olhar, só encontrava sangue, destruição e morte. Milhões de corpos sem vida e outro tanto de mutilados. Dor e desespero. Agonia, medo e desesperança. O mundo inteiro à sua volta, literalmente transformado num único e gigantesco campo

de batalha. Céus e terras ardendo em chamas. E os dois colossais exércitos, frente a frente, prestes a se enfrentarem.

De um lado, ele e o pouco que ainda restava da quase exterminada raça humana, juntamente com os seus aliados Anjos; que, apesar de suas imponentes e majestosas asas multicoloridas, os seus impressionantes arcos e escudos, as compridas lanças, as ameaçadoras espadas de lâminas azuladas e as reluzentes armaduras e elmos, nem sombra faziam ante o descomunal exército das trevas, composto por demônios, com ou sem asas, porém fortemente armados e sedentos de sangue, sob o comando de ninguém menos do que Lúcifer, o Senhor de todos os Demônios, em pessoa.

Ao vislumbrá-lo entre os seus principais generais e à frente das macabras tropas infernais, um arrepio percorreu-lhe as entranhas. Ele engoliu em seco. E, no entanto permaneceu firme em sua posição, sem vacilar. Afinal de contas, sempre soube que aquele trágico e inevitável dia chegaria. Na verdade, todos eles: homens, mulheres e anjos, sempre souberam, todavia nunca acreditaram realmente.

Percebeu um filete de suor escorrendo por sua testa e as suas mãos começaram a tremer involuntariamente. Medo e consternação invadiram a sua alma. Sentia medo da batalha prestes a ser travada e consternação por não poder adiá-la. Sentia medo da morte e consternação por não poder evitá-la. Sentia medo do futuro e consternação por não poder alterá-lo.

Olhou para os lados e vislumbrou os companheiros de armas, tão apavorados e temerosos quanto ele. Introspectos e absortos em seus próprios dilemas, assim como ele. Olhares perdidos na distância e corpos ensanguentados. Corações destroçados e almas aflitas. Sonhos e esperanças dilacerados pelos véus da incerteza e do medo.

Inspirou profundamente, tentando se armar de coragem e determinação. Mas, como todos ali, homens, anjos e demônios, também ele estava cômico de que poderia perecer nos próximos minutos, de modo que só lhe restava pedir, ou melhor, implorar

à Dama da Foice que o abraçasse de forma rápida e indolor, quando a hora chegasse.

Um repentino soar de trombetas e os seus dedos se contraíram em torno do cabo da espada que empunhava, pois sabia que naquela lâmina azulada repousava a última esperança de sua raça.

Um segundo soar de trombetas e ambos os exércitos lançaram-se à batalha.

Os destinos da humanidade e do próprio planeta começavam a ser decididos em um sangrento embate, do qual, seguramente apenas uns poucos sobreviveriam e cujo exército vencedor passaria a deter, como recompensa final, um total domínio sobre a Terra.

Enquanto ele corria em direção ao inimigo – espada empunhada qual mortífera extensão de seu próprio ser, adrenalina ao máximo e coração em disparada – sutis lembranças de outros tempos e de outra vida ecoaram em sua mente.

E, quando enfim percebeu, estava de volta ao momento em que tudo começou...

II

Doze meses antes da batalha: o primeiro ato do Apocalipse...

Um dia como outro qualquer. Ele acordou cedo, tomou café e foi trabalhar. Ao fim da tarde, encerrou o expediente e deixou a escola técnica onde lecionava. Após passar no mercado, retornou para casa, tomou um banho demorado e saiu para beber com alguns amigos.

Encerrando-se a noitada, ele voltou para casa, comeu alguma coisa e resolveu assistir a um filme na televisão. O filme ia bem, até ser interrompido, e subitamente substituído por uma alarmante notícia: a cidade de Londres, naquele exato instante, encontrava-se sob um intenso ataque terrorista. Totalmente arrasada e literalmente ardendo em chamas!

No princípio, ele não acreditou e até esboçou um tímido sorriso. Entrementes, diante das cenas apocalípticas que se desenrolaram a seguir, viu-se obrigado a aceitar tal infortúnio como evento real e consumado, no que ficou apavorado e aturdido ante as imagens de destruição e desolação.

A notícia rapidamente se espalhou e a balbúrdia tomou conta das ruas nos países vizinhos da Inglaterra. As imagens mostravam pessoas correndo assustadas de um lado para o outro, enquanto outras recolhiam as crianças para dentro das casas. Nas estradas, longos engarrafamentos. Buzinas e sirenes. Caos e confusão.

Daquele momento em diante, não desgrudou mais da TV, ansioso por maiores detalhes e novas informações. Falava-se em retaliação e havia até quem afirmasse que aquilo se transformaria no início da Terceira Guerra Mundial. Então, ficou sabendo que além da capital britânica, a nação da Romênia inteira encontrava-se totalmente incomunicável há mais de uma semana.

Um misto de preocupação, de nervosismo e de aflição apossou-se de seu ser.

Num determinado momento, a imagem da TV embaralhou; e quando retornou, ele quase caiu do sofá. Ali, diante de seus olhos, encontrava-se, em carne e osso, como que saída das entranhas do Inferno, uma sinistra criatura demoníaca, dotada de um enorme e assustador par de asas.

O ser começou a falar e ele quase não ouviu o que dizia, assombrado que estava. No final, lembrava-se apenas de tê-lo escutado se apresentar como Lúcifer e exigir a completa rendição global, sob pena de aniquilamento às nações que o desafiassem, se insurgindo contra as suas determinações.

Ficou ainda mais nervoso e ainda mais tenso. Começou a transpirar e a tremer descontroladamente.

Não dormiu naquela noite. Mal se afastou da frente da TV, refém do medo e da curiosidade. A madrugada veio e, de súbito, animou-se ao escutar sobre uma grande

ofensiva militar comandada pela ONU e que já está em andamento contra Lúcifer e o seu amaldiçoado exército das trevas. Mas, a alegria durou pouco, pois a investida se transformou no maior fiasco militar da História das Nações Unidas, onde milhares de Boínas Azuis perderam as suas vidas, sem que ao menos um demônio sequer fosse ferido.

Horas mais tarde, Lúcifer reapareceu em pronunciamento na cadeia mundial de televisão, anunciando, a título de retaliação, a total destruição de cinco das maiores capitais e metrópoles européias, conjuntamente ao extermínio de suas populações.

Sem conseguir respirar direito devido ao pânico ressurgido ele assistiu, atônito, à concretização da anunciada retaliação em que as cidades de Roma, Paris, Moscou, Berlim e Madrid sistematicamente foram varridas do mapa, consumidas pelo fogo.

Um mal que logo se repetiu pelo globo inteiro, assolando os seis continentes.

E então, sem nenhum aviso, suas lembranças deram um novo salto no tempo...

III

Seis meses antes da batalha: o segundo ato do Apocalipse...

Encontrava-se agora em uma gigantesca base militar secreta, escavada sob as inóspitas geleiras da Antártida, ao lado de milhões de outros humanos, recrutados ao redor do planeta inteiro, pelos Anjos – seres extraterrestres que, paralelamente aos demônios, irromperam do nada na Terra e, quando a humanidade já não acalentava mais nenhuma esperança e tudo parecia perdido, renunciaram a salvação.

Uma salvação não divina ou milagrosa, mas pelas armas e pela guerra.

E desde então, há cerca de meio ano, ele era submetido a um rigoroso e intenso treinamento. E enquanto aprendia a manejar as armas usadas pelo anjos – espadas, lanças, punhais, machados e arcos com suas setas de gélidas lâminas azuladas que,

segundo os seus instrutores alados, seriam as únicas capazes de abreviar as vidas de seus infernais inimigos, uma vez que as armas de natureza humana eram totalmente inofensivas a estes – seguia acompanhando a evolução dos acontecimentos.

De lá assistiu, impotente e inconformado, ao desmantelamento da antiga ordem mundial, assim como à dura e cruel flagelação provocada pelos sanguinários ataques dos demônios à Ásia, à África e à Oceania, cuja ampla maioria das nações, em questão de horas, sucumbiu e teve as populações aniquiladas.

Acompanhou perplexo, em tempo real, a transformação da Europa central em um gigantesco campo de concentração e extermínio continental, para onde passaram a ser levados e, posteriormente, executados todos os seres humanos capturados pelos demônios nos demais continentes.

E o treinamento prosseguiu até que finalmente chegou o dia em que as legiões de Lúcifer começaram a ameaçar atacar as Américas, reduto dos últimos humanos livres da Terra. Diante dessa nova e letífera ameaça, os anjos decidiram enfrentá-los em seu próprio território.

E o gigantesco exército da aliança homens-anjos imediatamente atravessou os oceanos rumo à Europa, à África, à Ásia e à Oceania, a bordo da maior esquadra naval da História.

Lá chegando, eles desembarcaram e marcharam diretamente para o inimigo.

IV

De volta ao presente: o último ato do Apocalipse...

Anjos, demônios e homens dividiam o mesmo fardo e o mesmo Inferno.

Anjos, demônios e homens transformavam-se em Emissários da Morte.

Anjos, demônios e homens lutavam e matavam.

Anjos, demônios e homens sangravam e morriam.

Em meio aos incessantes brados de guerra, muita confusão, cotoveladas, chutes e socos. Os violentos entrechoques das espadas produziam faíscas. Chuvas de flechas e lanças perfuravam corpos. Golpes certos e precisos decepavam membros, dando vazão a um monstruoso rio de sangue e dor, abreviando vidas, ao passo que ambos os exércitos se amontoavam na mais funesta e amaldiçoada das batalhas.

Para enfrentar os cruéis demônios, também ele precisou se transformar em uma espécie de demônio assassino. Com o coração e a alma na ponta da espada, ele correu, gritou, chutou, cortou, rasgou e matou. Sangrou e fez muitos oponentes sangrarem.

O medo e a consternação de alguns minutos atrás já não existiam mais. Haviam cedido lugar à raiva, ao ódio e à fúria. À insaciável sede de sangue e à incontável vontade de matar. E, por fim, a um desejo sem par de provocar dor e de ceifar vidas.

E foi assim, cego pelo combate, que, de repente ele se viu sozinho e cercado pelo inimigo. Os companheiros de armas, ou estavam mortos, ou encontravam-se muito ocupados para perceberem a delicada situação em que ele se encontrava.

Os demônios que o atacavam agiram rápido e formaram um círculo ao seu redor. E ele fez a única coisa que podia: girou a espada em volta da cabeça, logrando mantê-los afastados por um tempo. Mas, eis que pisou em falso, no corpo ensanguentado de um colega morto, e desabou sobre o macabro rio escarlate. Instantaneamente, a turba demoníaca lançou-se enfurecida sobre ele, qual um enxame de abelhas.

Ele tentou defender-se de seus golpes, mas as espadas e lanças inimigas foram mais eficazes, rasgando carne e órgãos como se fossem meros pedaços de papel...

V

Acordou sobressaltado, encharcado de suor.

As mãos e pernas tremiam descontroladas como se estivesse sendo acometido por uma convulsão nervosa, enquanto o coração parecia querer saltar pela boca.

Sentou na cama e procurou se acalmar.

Embora ele estivesse cômico de tratar-se apenas de um pesadelo, extremamente realista, mas ainda assim um sonho, pôs-se a rezar. Para quem ou para o quê, ele não sabia. Afinal, não era religioso.

Por algum tempo, não saberia precisar o quanto, permaneceu assim: sentado, de olhos fechados e convertendo toda sua aflição e agonia nas acalentadoras orações em que pedia sempre a mesma coisa, ainda que soubesse de antemão que o seu esforço de nada adiantaria. Ele jamais seria atendido em suas preces.

Até por que agora já era tarde demais. Não havia como voltar atrás.

E assim estava, quando subitamente uma pesada mão apoiou-se em seu ombro, seguida por uma afetada voz que o retirou daquele estado de contemplação espiritual.

– Está na hora, precisamos ir! A batalha vai começar... – comunicou a majestosa figura angelical com a qual ele dividia a barraca de campanha.

Levantou-se. Vestiu a armadura. Apanhou a espada e o escudo. E se dirigiu para a saída da tenda, plenamente consciente de que o cruel destino não permitiria que ele retornasse vivo daquele último e crucial combate a ser travado na Guerra dos Anjos...

O último e derradeiro ato do Apocalipse!

(ILUSTRAÇÃO)

“O ÚLTIMO ATO DO APOCALIPSE”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

– Irado! – Jonas elogiou, empilhando o original sobre os outros já lidos. – Pelo que dá para perceber, o Apocalipse é mesmo um tema recorrente em seus contos e livros...

“O escritor deve optar por escrever sobre aquilo que gosta, mas principalmente buscar por temas polêmicos e que despertem o interesse das massas. E nada é mais polêmico e fascinante de que o Fim dos Tempos. A prova disto é que todos os povos e culturas acreditam nele” – Jaqueline acrescentou.

– Eu achei o final meio parecido com o do segundo conto que li, visto que ambos terminam fazendo referência ao seu primeiro romance solo – Jonas comentou, com o olhar direcionado para o escritor.

“A Guerra dos Anjos” – Márson lembrou-lhe o título.

– Esse mesmo! Foi intencional ou apenas coincidência?

“Aprenda uma coisa, garoto: coincidências não existem...” – Márson explicou. – *Este conto, ao contrário do anterior, foi escrito como um complemento do primeiro volume da Trilogia Ethernyt. Mas eu gostei tanto dele naquela época, que acabei adaptando-o para se transformar no prólogo do segundo livro”.*

“Sob o Domínio das Sombras” – Jaqueline completou.

– Legal essa ideia de linkar os contos com os livros! Assim quem lê o conto e gosta, acaba querendo ler o livro. Uma excelente estratégia de marketing... – Jonas concluiu, anotando mentalmente a técnica para utilizá-la em seus trabalhos no futuro.

Os espíritos apenas sorriram lisonjeados.

– E existe um conto relacionado ao terceiro Ethernyt? – o garoto quis saber.

“O Destino dos Escolhidos” – Márson lembrou com saudades do livro escrito há tanto tempo atrás. – *“Não. No caso deste, o prólogo e o epílogo são independentes e o*

livro fez tanto sucesso que eu não senti a necessidade de linká-lo a um conto. Em vez disso, resolvi partir logo para os outros projetos que tinha na gaveta”.

A fim de esticar as costas e as pernas um pouco, Jonas resolveu dar um tempo na leitura dos originais e foi até a janela mais próxima.

Lá fora, a tempestade finalmente havia dado uma trégua e a chuva parara.

No leste, o céu começava a mudar de cor, prenunciando que faltava pouco para o amanhecer.

Satisfeito por estar tão perto de cumprir a tarefa proposta pela *Irmandade* para que pudesse se tornar membro da mesma, ele retornou ao Baú e aos dois fantasmas escritores para a leitura do último original da noite.

Retirou o texto da caixa.

Sentou-se de frente para o casal de espectros.

Limpou a garganta.

E começou a ler...

O ESPÍRITO DE STONEHENGE

Planície de Salisbury, Inglaterra, nos dias atuais...

— Como vocês podem ver — a guia da excursão explicou. — *Stonehenge*, que do inglês arcaico traduz-se como: “*stan*” = pedra e “*hencg*” = eixo, é um monumento megalítico, supostamente da Idade do Bronze. Ele foi denominado pelos saxões de “*Hanging Stones*” ou “*pedras suspensas*”. O monumento todo é composto por setenta blocos de arenito de aproximadamente cinquenta toneladas cada um e que medem, em média, cinco metros de altura, dispostos em uma formação circular, de modo a constituírem vários círculos menores e concêntricos. Fato que lhe conferiu inúmeras referências, em cantos e escritos medievais antigos, como “A Dança dos Gigantes”. Existem diversas lendas e mitos acerca de sua construção, creditados muitas vezes aos povos da antiguidade, porém jamais comprovados. Uma das opiniões mais populares surgiu com John Aubrey que no Século XVII, muito antes do desenvolvimento dos métodos de datação arqueológica usados hoje em dia, foi quem primeiro associou este monumento e outras estruturas megalíticas da Europa aos antigos Druidas. Mas, na realidade, os Druidas só apareceram na Grã-Bretanha em algum momento após o ano 300 a.C., mais de um milênio e meio depois que a datação por carbono-14 sugere que os últimos círculos de pedra foram erguidos e os lintéis assentados. Entre as décadas de 1950 e de 1960 foram conduzidos diversos estudos acurados em *Stonehenge*, nos quais se chegou à conclusão de que o lugar inteiro foi erigido com a finalidade de se permitir a observação de fenômenos astronômicos específicos como os solstícios de verão e de inverno, os equinócios, as fases da lua, e os movimentos dos astros e dos corpos celestes, o que propiciava aos seus construtores uma exata noção temporal,

indicando-lhes os dias mais propícios aos seus rituais e determinando, com exatidão, os ciclos agrícolas. Outra curiosidade sobre *Stonehenge* é que uma série de estudos arqueoastronômicos acabou revelando as extraordinárias habilidades matemáticas e de engenharia arquitetônica dos seus primitivos construtores que, cerca de dois mil anos antes da formulação oficial do *Teorema de Pitágoras*, já incorporaram, em seus círculos de pedra, os conceitos e o valor do “*PI*”. E não devemos nos esquecer de que, sempre no dia 21 de Junho, o Sol nasce com perfeita exatidão sob a pedra-eixo central do círculo principal, indicando o auge do solstício de verão...

E enquanto a esforçada guia explanava sobre as ruínas britânicas ao pequeno grupo de turistas que a acompanhava, um vulto etéreo os observava de longe, envolto em sombras.

Ninguém ali podia vê-lo, pois se tratava de um fantasma: o espírito guardião de Stonehenge que, mais do que isso, era um prisioneiro das ruínas megalíticas.

Aproximou-se do grupo a tempo de escutar as últimas palavras da guia.

— Resumindo: *Stonehenge* ainda hoje continua sendo um indecifrável mistério do nosso passado, que parece desafiar as forças do tempo e da natureza, bem como as pretensões dos que procuram descobrir o seu verdadeiro significado. Mesmo que nós passemos o resto das nossas vidas interrogando estes formidáveis gigantes de pedra tosca que agora contemplam os seus irmãos derrubados, a nossa curiosidade jamais será plenamente satisfeita ante o vasto silêncio que os envolve...

O espírito sorriu de forma enigmática ao ouvir aquilo.

Pouco depois surgiram os primeiros sinais do crepúsculo, e a excursão, a última do dia, finalmente deixou o monumento a sós com o seu imortal protetor.

Ah, ele sim, conhecia a verdadeira história do lugar, uma vez que a sua própria existência se encontrava intimamente ligada aos místicos círculos de pedras.

Ao cair da noite, como fazia todos os dias, tentou por mais uma vez ultrapassar

os limites do fosso externo, no entanto a inexpugnável barreira mística e invisível que o aprisionava ao lugar impediu-o de prosseguir além.

Continuava encarcerado, preso ao antigo “*Templo do Céu*”. Encarcerado devido aos seus pecados e iniquidades.

Por conta dos crimes que cometera em vida, ele permanecia condenado a vagar, até o *Fim dos Tempos*, solitário e infeliz, por entre aqueles gigantes de pedra que, por sua vez, delimitavam as fronteiras entre a dimensão dos vivos e a dos mortos.

Foi então que, acabrunhado e arrependido, ele sentou-se sobre uma pedra de tonalidade azul que havia servido de altar no centro do santuário megalítico. E deixou a sua mente voar de volta ao passado. O seu passado.

E, como em uma espécie de filme 3-D, ele reviveu cada um dos acontecimentos que inevitavelmente o conduziram àquela fatídica condição...

II

Condado de Wiltshire, milhares de anos atrás, tantos que o próprio tempo já não é mais capaz de ostentar recordações daquela época...

Havia dois anos que Varek ultrapassara a barreira da infância e se tornara um homem, de modo que o jovem trazia no peito e no rosto as marcas tribais de sua nova condição, sob a forma de tatuagens. Vestia uma túnica de pele de urso e tinha o cabelo longo e entrançado, atado em um rabo de cavalo com uma fita de couro de boi. Ele carregava consigo um arco de teixo, com pontas de osso e com uma corda de tendão equino untada com gordura suína e bem esticada. Do seu ombro pendia uma bolsa cheia de flechas ornamentadas com penas multicoloridas.

Mas, ao contrário daquilo que se poderia supor, Varek não se encontrava a caçar animais silvestres para ajudar na alimentação da tribo.

A sua intenção era outra, bem menos nobre...

Durante todo aquele dia, ele havia perseguido o “alvo” pela floresta, ocultando-se em meio às folhagens e entre os frondosos carvalhos para não ser visto.

Ao cruzar por uma clareira na mata, Varek percebeu que o céu começava a ficar carregado de nuvens negras; e que relâmpagos riscavam o horizonte distante. Sinal de que em breve choveria. Portanto, ele precisava se apressar.

Foi quando, ao transpor um pequeno córrego de águas cristalinas e muito frias e adentrar a segunda clareira que ficava além deste, surgiu a oportunidade ideal.

O homem que Varek vinha espreitando havia acabado de abater um gordo javali. No momento, estava abaixado sobre a presa, a fim de arrancar a flecha de seu dorso. E o melhor: o “alvo” se encontrava absolutamente sozinho.

Varek afastou as ramagens e saiu das sombras.

Ao enxergá-lo, o outro sorriu-lhe animado.

— Salve irmãozinho! Veja que javali enorme eu apanhei! Hoje teremos um belo banquete na tribo...

Varek nada disse. Limitou-se a retirar uma flecha de penas negras da bolsa que trazia às costas e a posicionou no arco de teixo, esticando a corda ao máximo.

Garthall, o caçador, encontrava-se tão ocupado com o javali que não percebeu a manobra do seu irmão mais novo. E só quando o rapaz já se encontrava a menos de quatro passos de distância foi que a ficha do caçador caiu.

Garthall se virou. E encarou, incrédulo, a flecha apontada para si.

— Por Dagda... O que significa isto, Varek? – indagou perplexo, tateando o chão em busca do próprio arco, ao concluir que a intenção do mais jovem não era de baixar a arma e sim de dispará-la.

Tarde demais.

Varek soltou a flecha. A seta silvou, atingindo o alvo com violência e fazendo

com que o atônito Garthall fosse lançado para trás, caindo de costas sobre o javali ensanguentado. A flecha enterrou-se profundamente no abdome do homem, ficando com apenas um palmo da haste de madeira visível.

Sem conseguir olhar nos olhos do irmão ferido, Varek adiantou-se e chutou para longe o arco e a aljava dele.

Naquele preciso instante, um trovão ensurdecedor fez estremecer céus e terras, renunciando o temporal que estava chegando.

Garthall gemeu de dor, logrando erguer-se corajosamente de joelhos.

– N-não entendo, Varek... Por quê? – interpelou ao mais novo.

– Eu não aguento mais viver sob a sua sombra, irmão! – Varek desabafou com lágrimas nos olhos. – Você sempre foi o melhor em tudo... O queridinho de todos... O preferido de nosso pai... E as coisas só pioraram depois da morte do velho. Por ser o primogênito, você herdou a chefia da tribo, enquanto eu tive que me contentar com um mero posto de caçador. Desde então, é você quem detém toda a riqueza da tribo, enquanto eu mal tenho o que comer e o que vestir. E não bastasse tudo isso, ainda me roubou Jenna, a mulher que eu sempre amei, desde que éramos crianças, tomando-a como sua esposa. Com a sua morte, querido irmãozinho, eu serei o novo chefe. E tudo o que me foi negado até agora, me será restituído!

– Não faça isso, Varek... Os deuses o castigarão! – murmurou o moribundo.

– Nada temo, pois busco apenas justiça, de modo que os deuses nada têm que ver com isso! – Varek cuspiu, já posicionando uma segunda flecha no arco de teixo, apontando e retesando-o.

– Pelo amor de Dagda! V-você enlouqueceu, Varek... Desarme o seu arco e eu prometo esquecer esse disparate... – Garthall ainda tentou dissuadir o irmão.

Varek não o ouviu. E a segunda flecha cravou-se na jugular de Garthall no exato instante em que a tempestade os alcançou.

III

A chuva se tornava cada vez mais forte, criando enormes poças lamacentas por todo o terreno. O que dificultava a tarefa de Varek, pois ele lutava contra a lama para escavar, com as mãos, um buraco com tamanho e profundidade capazes de ocultar o cadáver do irmão. Quando se deu por satisfeito, dirigiu-se ao defunto e decepou-lhe as mãos, os pés e a cabeça usando uma rústica machadinha com lâmina de sílex, pois segundo a tradição de seu povo, dessa forma o espírito do morto não teria condições de se vingar dele no futuro, uma vez que não teria como andar e nem como portar armas.

E então arrastou o que sobrou do corpo esquartejado, enterrando na vala recém aberta. As extremidades, Varek enterrou bem longe dali, uma separada da outra, em quatro buracos menores; e a cabeça foi oculta aos pés do mais alto e sagrado carvalho da floresta de Nemeton.

Ao completar o serviço, o assassino voltou à clareira, colocou o javali abatido por Garthall nas costas e retornou à aldeia.

O seu irmão tinha razão: naquela noite haveria um belo banquete na tribo.

IV

Várias luas se passaram.

Naquela noite, uma nova tempestade despencou sobre a aldeia de Wiltshire. O vento soprava forte e inclemente, enquanto os relâmpagos iluminavam o firmamento, rasgando céus e nuvens; alguns descendo até à Terra, a fim de atenuarem, mesmo que apenas momentaneamente, as trevas que haviam tornado o mundo escuro como breu.

Os trovões rugiam ferozes. E a chuva despencava violenta e algoz sobre Wiltshire, de modo que todos na aldeia se refugiavam em suas tendas ou cabanas.

Os deuses urravam e choravam. E aos homens cabia apenas temê-los.

Com o inexplicável sumiço de Garthall, o conselho dos anciãos se reuniu para decidir os rumos da tribo para o futuro. E depois de muita discussão, chegou-se à única solução possível: Garthall foi dado como morto; e Varek, como seu único irmão de sangue e herdeiro legítimo, deveria assumir o posto de chefe da tribo, assim como ele poderia, caso desejasse, reclamar para si os pertences do morto. Inclusive Jenna, a encantadora esposa deste.

Varek mal podia esperar para poder tomar posse de tudo o que pertencera, em primeira instância, ao pai e depois ao irmão mais velho. Todavia, o maior prêmio, o mais cobiçado de todos, pelo menos para ele, seria possuir a bela e doce Jenna.

Ansiava loucamente pelo momento de poder tomá-la como esposa e então poder dispor dela como bem entendesse. Mas, segundo as tradições da tribo, isso somente aconteceria depois que ele fosse legalmente empossado no lugar do irmão como chefe guerreiro da aldeia.

Para o deleite de Varek, a cerimônia de posse foi marcada para dali a três luas, coincidindo com as festividades do “*Samhain*” ou “*Grande Festa dos Mortos*”, como o evento também era conhecido.

V

Três luas depois, ao pôr do sol do “Samhain”...

A “*Festa dos Mortos*” normalmente era celebrada no princípio de Novembro, e marcava o início da hibernação da Natureza. Ao contrário do que acontecia com a “*Festa do Imbolc*”, celebrada quase sempre nos primeiros dias de Fevereiro, e na qual

era comemorado o recomeço da vida após a hibernação do inverno.

Naquela época os colossais círculos de pedra que hoje formam *Stonehenge* ainda não existiam. Em seu lugar havia um templo rústico, composto por algumas fileiras de enormes postes de carvalho, fincados no solo e dispostos em anéis concêntricos ao redor de uma clareira aberta da floresta de Nemeton, ao sul da aldeia. Neste antigo templo, erigido pelos ancestrais do povo de Varek, eram realizados todos os tipos de cerimônias, desde rituais de morte e funerais, casamentos, ritos de passagem, de sexo, de cura, festas de colheitas e celebrações astronômicas, até consagrações e sacrifícios de sangue aos deuses.

Naquele ano, porém, em paralelo às comemorações e rituais já tradicionais do “*Samhain*”, se daria a posse de Varek como novo líder guerreiro da tribo de Wiltshire.

Ele mal cabia em si de tanta felicidade. Estava ansioso para tomar posse do que agora seria seu por direito, principalmente a nova esposa...

Aos primeiros sinais do crepúsculo solar, enormes fogueiras foram acesas por todo o terreno em torno do templo. A tribo se reuniu em volta dos anéis concêntricos formados pelos troncos de carvalho, cantando e dançando de forma ritmada ao redor dos mesmos. Mas seguindo a tradição, ninguém ousava adentrar os limites do templo propriamente dito, que só podiam ser pisados pelos sacerdotes e líderes guerreiros da tribo.

Assim que a festa começou, uma espécie de licor destilado, produzido com mel e ervas alucinógenas, passou a ser distribuída, em larga escala, entre os presentes. Em pouco tempo, os mais fracos começaram a gritar ensandecidos, visto que passaram a ter alucinações; alguns se tornaram belicosos, puxando briga com quem estivesse por perto; ou sentiram-se subitamente doentes, vomitando tudo o que haviam ingerido durante o dia; e outros ainda, os mais fracos para a bebida, simplesmente se deixaram cair de costas na relva úmida e adormeceram embriagados. Porém, a grande maioria

permaneceu dançando e cantando em contemplação ao redor do antigo “*Templo do Céu*”.

Com a chegada da noite, os sons de chifres de bois soprados anunciaram o início dos rituais sagrados. O povo silenciou. Encerraram-se as danças e os cânticos. E os sacerdotes da tribo, em fila indiana, adentraram o templo pela “*Porta do Sol*”, voltada para o nascer do astro-rei.

Eles vestiam túnicas de pele de raposa sobre os corpos cobertos com pasta seca de greda lavada, o que lhes conferia sinistros desenhos aos rostos. Ossos e caveiras de pequenos animais pendiam dos pescoços, sob a forma de macabros colares. Alguns dentre eles, os mais importantes, tinham os cabelos e as barbas compridas cobertos com lama vermelha ressecada e portavam horrendos cajados esculpidos a partir de ossadas humanas, com caveiras de bebês que haviam morrido ao nascer ou falecido ainda nos primeiros dias de vida, no topo. Em suma, eram figuras aterrorizantes que impunham medo e respeito ao povo.

Eles desfilaram pelos anéis de postes e se posicionaram em torno do altar central do templo. Então entraram dois rapazes arrastando um vitelo de aparência saudável, tenra idade e branco como a neve, destinado à oblação aos deuses.

Melathor, o líder sacerdotes de Wiltshire, adiantou-se aos demais, gritando alto para que todos o pudessem escutar:

— Estamos aqui reunidos nesta noite para saudarmos a Dagda, o deus-chefe; a Ossian, o velho; à Brigit, a deusa do amor; à Epona, a deusa dos cavalos; a Belenos, o reluzente e todos os demais deuses que regem o nosso mundo e os nossos destinos. E para que recebamos as bênçãos do “*Samhain*”, devemos conceder-lhes a tradicional oferenda de sangue...

Naquilo, os dois rapazes arrastaram o vitelo até o altar montado no centro exato dos anéis concêntricos de troncos de carvalho. Com certo custo, deitaram-no de lado e

o imobilizaram, amarrando-lhe as patas. Ao terminarem, se afastaram.

Melathor abaixou-se por atrás do altar e quando se ergueu novamente, brandiu acima da cabeça uma pesada clava de madeira, em substituição ao cajado de fêmur humano com caveira de bebê que normalmente usava.

O povo nem sequer atrevia-se a respirar, ansioso para com o que viria a seguir.

O sacerdote urrou e uivou como um lobo faminto, enquanto girava a clava ritual em torno de si mesmo. E então, de repente ele estacou, com a arma segura pelas duas mãos e em posição vertical, acima da cabeça.

O povo preparou-se para o grande momento.

E Melathor arrojou a clava violentamente para baixo, esmagando o crânio do vitelo com um único golpe. Um ruído seco e solitário foi o único som que se ouviu. O sangue espirrou no sacerdote, salpicando-lhe o rosto e o peito.

Para o regozijo geral dos tensos espectadores, o vitelo morreu instantaneamente, sem demonstrar sofrimento e sem emitir qualquer som, o que significava, segundo a tradição milenar da tribo, um excelente presságio, um nítido sinal de que os deuses haviam aceitado o sacrifício.

Satisfeito, Melathor ergueu novamente a clava em direção aos céus, agora rubra de sangue.

— Os deuses nos sorriem! — exclamou entusiasmado. — Eles aprovaram a nossa oferenda, o que significa que teremos um ano inteiro de fartura pela frente! Que as nossas colheitas serão fartas! Que a caça e a pesca serão abundantes! Que não haverá escassez de água! Que a doença não atingirá o nosso povo! E que os nossos valorosos guerreiros obterão muitas vitórias perante os nossos inimigos!

O povo comemorou aliviado, reiniciando a dança e os cânticos. Alguns gritavam em êxtase. Outros se abraçavam emocionados. E generosas doses do forte licor de mel foram emborcadas, embriagando ainda mais os habitantes do vilarejo, que agora sim

tinham motivos de sobra para celebrarem o “*Samhain*”.

Ignorando a euforia que os cercava em todas as direções, Melathor acenou para Varek, juntando novamente o seu cajado do chão sob o altar, mas sem se desfazer da clava ritual ensanguentada. Ele passara a ostentar um em cada mão.

De repente Melathor ergueu e cruzou-os acima da cabeça.

Novo silêncio. Nova letargia. Nova tensão quando o povo de Wiltshire entendeu que finalmente era chegada a hora de seu novo chefe ser empossado.

O pretendente ao título adentrou o círculo interno de postes de carvalho, altivo e soberbo, de cabeça erguida, olhar triunfante e ricamente enfiado em uma túnica de lã de ovelha, pronto para ser investido na função mais nobre e importante da tribo.

Em um ato meramente simbólico, todavia repleto de significado intrínseco, o sacerdote-mor ajoelhou-se diante de Varek, apoiado em seu cajado. Entregou-lhe a clava ensanguentada e beijou seus pés, proclamando-o novo líder da tribo Wiltshire.

Dando prosseguimento ao ritual, o segundo sacerdote mais velho e importante da tribo avançou e, fazendo uma reverência ao novo chefe, abotoou-lhe o manto de leão que anteriormente pertencera ao seu pai e mais recentemente ao irmão de Varek. O *Manto Sagrado de Nemeton*, que identificava os chefes guerreiros da aldeia desde o princípio dos tempos.

Varek aguardou até que o homem terminasse a tarefa e igualmente se prostrasse aos seus pés para prosseguir com os trâmites rituais, berrando alto e claro, de forma que todos pudessem escutá-lo:

— Há alguém dentre vocês, dentre o meu povo, que deseje ocupar o posto de chefe da tribo que neste momento me é concedido por direito de herança? Se houver, rogo para que me desafie agora e me enfrente em combate... Ou cale-se para sempre!

Silêncio absoluto. Ninguém se manifestou.

Varek sorriu satisfeito.

Passados alguns minutos, Melathor ergueu-se de pé e apontou para Varek:

— Saúdem o vosso novo chefe, habitantes de Wiltshire!

Como em um passe de mágica, o povo saiu da letargia e o aclamou.

Instantaneamente uma nova dança teve início, regada com novas doses de licor de mel e muita cantoria.

Varek sentia-se realizado. Afinal de contas ele conseguira: era agora o novo chefe guerreiro da tribo! E nem mesmo os deuses poderiam negar-lhe a fortuna que acabara de conquistar...

Mas como tudo na vida tem o seu preço, a alegria do assassino recém empossado também estava fadada a sucumbir.

Subitamente algo inesperado aconteceu. E, a partir de então, o mundo de Varek virou de ponta cabeça. E tudo mudou.

Um forte e repentino trovão, maior do que qualquer outro que Varek já tinha escutado, ribombou no céu estrelado, fazendo o chão tremer e silenciando o povo pela terceira vez.

Naquilo, Varek sentiu uma pontada aguda no peito, ao passo que tudo ao redor do assassino escureceu por alguns segundos. Quando ele se recuperou, olhou em volta e, perplexo, percebeu que havia algo errado.

O mundo, novamente mergulhado em profundo e tenso silêncio; se apresentava agora, aos seus olhos, opaco e em tons de cinza.

A impressão que Varek tinha, ao perscrutar o santuário e além deste, em todas as direções, era a de que o próprio tempo havia estagnado, pois nada mais se movia. Todos, até onde recém empossado chefe era capaz de enxergar, exceto ele próprio, se encontravam paralisados, imobilizados por efeito de alguma incompreensível força invisível, como se tivessem sido petrificados ou congelados, transformados em meras estátuas. Nem as folhas dos enormes carvalhos, nem os pássaros, nem os animais da

floresta ou o seu povo, incluindo-se aí Melathor e os sacerdotes, mostravam sinais de vida. Até a brisa que tradicionalmente embalava as noites da aldeia havia cessado.

Varek escutou um segundo trovão, ainda mais ensurdecedor do que o anterior, e que fez tremer o solo sob todo o condado a ponto de quase fazê-lo perder o equilíbrio. Atraído pelo estrondo, ao levantar o rosto para o céu, o assassino vislumbrou um raio de luz deslizar por entre as estrelas, varando as nuvens escuras e despencando em sua direção.

Isto o levou a concluir, assustado e atônito, que os deuses ancestrais de seu povo deveriam estar por trás de tudo aquilo. E que, por alguma razão desconhecida, eles agora desciam à Terra, para ter com ele.

Dito e feito... Segundos depois, a conclusão de Varek revelou-se acertada. E ele não teve tempo de pensar em mais nada.

O relâmpago explodiu bem no centro do altar-mor localizado entre os postes de carvalho do círculo interior. O vitelo ensanguentado, ainda esparramado sobre a mesa cerimonial, reduziu-se a milhares de pedaços de carne chamuscada, mesclados com estilhaços de madeira de todos os tamanhos.

E do clarão cegante que se seguiu à explosão, emergiram cinco seres luminosos.

Eram eles: Dagda, Belenos, Ossian, Epona e Brigit.

VI

Varek não conseguia acreditar nos próprios olhos. Diante dele se encontravam os deuses dos seus ancestrais. Por um breve instante ele ficou em dúvida se aquilo era de fato real ou um mero fruto de sua fértil imaginação.

E o recém empossado chefe indagou-se sobre as razões de eles terem descido da morada celestial ao templo.

Teriam vindo para saudá-lo em seu novo cargo? Se assim fosse, seria algo inédito na história de seu povo, uma vez que nunca antes um líder local recebera as bênçãos dos deuses de forma tão pessoal e direta. Ou estariam ali por alguma outra razão?

Sem saber direito como reagir diante de tal situação, Varek seguiu o exemplo do resto do seu povo: prostrou-se de joelhos, abaixando a cabeça, congelando todos os movimentos e sustando, inclusive, até mesmo a respiração.

Um misto de sentimentos conflitantes dominava-o, variando entre perplexidade, medo e euforia pela dádiva que julgava prestes a receber diretamente dos deuses.

Com o canto do olho, observou que o povo em geral, assim como os sacerdotes e o resto do mundo, permanecia estático e em assombroso silêncio.

E então os cinco celestiais se aproximaram de Varek, ao que uma voz diáfana, alta e apavorante, ecoou por entre os postes de carvalho de todo o templo.

— Varek, filho de Marleth... — Dagda, o maior entre os deuses, pronunciou-se. — Hoje fostes aclamado líder da tribo de Wiltshire, contudo não sois merecedor de tal honra!

Estupefação e incredulidade tomaram conta do recém empossado. Não era bem isso o que ele esperava escutar.

Foi quando um pensamento sombrio percorreu-lhe a mente... E Varek sentiu um sobressalto terrível ao lembrar-se de Garthall. De como matara o irmão.

O assassino fez menção de erguer-se e contestar as palavras do deus, ao que este lhe dirigiu um olhar feroz.

— Detenha-te mortal! Hoje aprenderás que os deuses não são como cães; e por isso não devem ser ignorados. Cometestes um crime hediondo e deves pagar por ele!

— Ou, por acaso, tu o negas em nossa presença? — Ossian interpelou-o, tomando a frente da conversa. — Assassinares friamente o teu irmão Garthall, por motivos vis e torpes, impulsionado por mera inveja e ambição, ou não?

– E-eu não... – Varek tentou contra argumentar.

– Cala-te vil criatura! – Belenos adiantou-se. – Jamais tentes nos enganar! Ou aprenderás da forma mais dura que existem chicotes maiores e muito mais poderosos que o teu! Aquieta-te em tua insignificância ou fulmino-te agora mesmo!

Varek estremeceu, encolhendo-se de pavor.

Os cinco deuses posicionaram-se em círculo a sua volta; e ele sentiu o poder que exalava de seus avatares etéreos.

– Varek de Wiltshire, filho do valoroso Marleth e irmão do nobre Garthall, se cá estamos, é exclusivamente para aplicar-te a justiça divina... – declarou Ossian.

– A justiça divina devida aos fraticidas... – acrescentou Dagda.

– Ou seja, cá estamos para julgar-te pelo execrável crime cometido contra o teu irmão Garthall... – Belenos se fez escutar.

– Para condenar-te por esse mesmo crime... – complementou Epona.

– E para punir-te por ele! – finalizou Brigit.

VII

A punição de Varek se deu imediatamente após os cinco deuses, autoinvestidos na inquestionável posição de juízes universais, o considerarem culpado do assassinato do irmão.

Mas foi Dagda, o deus dos deuses, quem proferiu a sentença condenatória:

– Varek de Wiltshire, eis a nossa sentença: irmão que mata irmão não merece perdão! Assim sendo, por unanimidade, condenamos-te a pagar eternamente pelo ato criminoso que cometeste contra Garthall!

Belenos, o radiante, continuou:

– De agora em diante, até o *Fim dos Tempos*, serás privado de tudo o que tens,

incluindo-se a vida e a liberdade...

E Epona concluiu:

— De modo definitivo, para que nunca mais sejas capaz de fazer mal a outro ser vivo. De agora em diante, nem sequer serás capaz de se comunicar com estes...

Varek tremia de medo, arrependido. Porém arrependera-se tarde demais, tendo em vista que o mal já tinha sido feito e agora não era mais passível de ser desfeito.

Assim que a sentença foi proferida, Ossian se adiantou e esticou a mão.

No mesmo instante, Varek sentiu o peito comprimir-se como se estivesse sendo esmagado por uma prensa. Ato contínuo, o chão desapareceu sob os seus pés. E uma onda de dor lancinante percorreu-lhe o corpo, que agora flutuava no ar, sustentado por uma força invisível e poderosa.

O assassino de irmãos tentou escapar e não foi capaz. Tentou gritar por piedade e não conseguiu. Tentou se livrar da pressão no peito e da dor lancinante e igualmente foi incapaz. Sentiu-se empalidecer. O brilho dos olhos desapareceu e o corpo inteiro subitamente amoleceu, transformando-se em um pedaço de carne descartável e sem vida, no mesmo instante em que ele deu o último suspiro. Era a agonia da morte. Ou melhor, a agonia de ter a alma violentamente arrancada do seu invólucro carnal sem ter de fato morrido.

De repente, tudo o que Varek era ou foi, simplesmente deixou de ser.

Mas, para o seu completo espanto, ele continuava consciente e lúcido, embora não mais dispusesse de um corpo físico. Então, tão repentinamente como começou, a dor no peito desapareceu. Por um instante, sentiu-se livre e leve como uma pluma. E permitiu-se flutuar no vazio, de olhos fechados. Deixou-se levar, aproveitando cada fração de segundo do deslumbre que geralmente sobrevém à morte da matéria; e que precede o renascimento da alma no mundo astral.

As recordações dos pecados, no entanto, logo o fizeram acordar para a nova e

dura realidade, negando-lhe o direito de usufruir da paz que apenas justos de coração conhecem após a desencarnação.

Confuso, Varek abriu os olhos e perscrutou ao redor.

Os deuses não estavam mais lá. Haviam sumido.

Teria ele sonhado tudo aquilo?

Bastou um olhar para baixo, para o próprio corpo sem vida e estirado no chão do templo para Varek certificar-se que não.

Assombrado, reparou que não estivera sonhando. Ele ainda flutuava livremente no ar, de um lado para o outro, entre os anéis interiores e os exteriores do templo. Entrementes, o santuário agora se encontrava completamente deserto, assim como a clareira em volta. À exceção dele, ninguém mais se encontrava lá. Melathor, os demais sacerdotes, a doce Jenna e o povo, seguindo o exemplo dos deuses, também haviam desaparecido.

— Pela luz de Belenos... — Varek murmurou cada vez mais confuso. — Para onde foram todos?

E foi neste momento que, de alguma forma inexplicável, ele compreendeu que se encontrava agora em um tempo posterior ao seu divino julgamento. Um momento de clarividência, em que o atônito Varek percebeu que o mundo a sua volta readquirira as cores originais e os múltiplos sons da floresta haviam retornado aos seus ouvidos.

Ainda confuso, dirigiu-se ao perímetro do último anel de troncos e tentou cruzá-lo. Mas foi bloqueado por uma espécie de campo de força místico e invisível. Tentou novamente, no lado oposto do templo. O resultado foi idêntico. Mais uma vez foi impedido de ultrapassar os limites externos do santuário pela barreira energética que mais parecia uma parede maciça intransponível.

Varek tentou sair inúmeras outras vezes, em pontos distintos do círculo exterior, entretanto obteve sempre o mesmo resultado. Exausto, acabou desistindo do intento

e resignou-se com a sua malfadada sorte.

Acabrunhado, ele finalmente compreendeu a real dimensão do castigo imposto pelos deuses: ele tornara-se um espírito amaldiçoado... Um fantasma encarcerado no velho templo, condenado a vagar, eternamente, entre os anéis de troncos de carvalho, remoendo para sempre a culpa pelo torpe assassinato do irmão.

VIII

Para Melathor, os sacerdotes e os demais habitantes da aldeia de Wiltshire isso jamais aconteceu. Eles jamais viram os deuses. Jamais tiveram ciência do julgamento divino ou da condenação de Varek. Para eles, o recém empossado chefe da tribo foi explicitamente rejeitado pelos deuses como tal; e por essa única razão foi acometido de um mal súbito durante os ritos finais de sua posse, vindo a falecer.

Segundo eles acreditavam, o coração de Varek simplesmente parara, levando-o à morte em pleno “*Templo do Céu*”. E o altar estilhaçado, aparentemente atingido por um raio, foi visto como um prenúncio dos deuses para a decadência do lugar.

Ambos os fatos maculavam para sempre o caráter sacro do lugar, de modo que careciam de ser tomadas providências cabíveis com urgência. E uma nova assembléia entre os anciãos e os sacerdotes foi convocada para aquela mesma noite.

As festividades do “*Samhain*” foram abruptamente encerradas.

O povo, assustado e sem entender direito o que tinha acontecido, recolheu-se às suas tendas. Os sacerdotes retiraram o cadáver de Varek do meio do templo maculado e o entregaram às mulheres da tribo, a fim de que elas o preparassem para os ritos funerários que teriam lugar no dia seguinte.

Enquanto elas o faziam, os anciãos e os sacerdotes se reuniram em volta de uma fogueira, na tenda de Melathor. E, em decisão unânime e irrevogável, eles resolveram

que o funeral de Varek deveria ser a última cerimônia a ser realizada no velho templo.

Depois disso, o antigo “*Templo do Céu*” seria abandonado. E, em substituição a ele, um novo santuário deveria ser construído em outro local.

IX

Para o espírito de Varek, no entanto, a realidade parecia cruel e dolorosa demais. Ele ainda se encontrava aturdido com a súbita compreensão de sua atual condição, quando foi submetido a um novo suplício: a mais dura provação de sua existência!

Algo que ele jamais esqueceria. E que, de tão bizarro, o chocaria a tal ponto que ele jamais se recuperaria plenamente...

A dor e o desespero de ser obrigado a presenciar o próprio funeral calaram fundo na atormentada alma do assassino. Foram momentos de extrema agonia que o pobre espírito jamais seria capaz de apagar de suas memórias.

Varek estava ao lado do tronco de carvalho mais alto do templo quando ouviu um som distante, suave e ao mesmo tempo melancólico. Olhou na direção da aldeia e vislumbrou o que se poderia chamar de procissão fúnebre seguindo em direção ao velho templo. Um jovem sacerdote vinha na dianteira da interminável fila de homens e mulheres, entoando um lamento em uma espécie de flauta de osso. Logo atrás dele, alguns dentre os mais valentes guerreiros da tribo transportavam uma padiola feita de madeira de salgueiro, com um corpo sobre ela. O seu corpo!

Ninguém precisava confirmar ao fantasma. Ele sabia que era o seu corpo...

Depois da padiola, finalmente vinham os demais sacerdotes e o restante do povo. Conforme os costumes herdados dos ancestrais, as mulheres da tribo haviam lavado o cadáver e o ungido com essências aromáticas e salitre, preparando-o para o repouso eterno na “*Casa dos Mortos*”. O corpo vinha coberto da cabeça aos pés com uma pele

de boi cozida, sobre a qual tinham sido colocados montículos de hera e alguns trevos de quatro folhas, para darem sorte ao morto na outra vida.

Varek sorriu entristecido diante do paradoxo daquela situação. Afinal de contas, para ele só restara o azar do castigo eterno.

O curso fúnebre se aproximou e adentrou o templo pela “*Porta do Sol*”. Os dois homens depositaram a padiola ao centro círculo interior, onde antes existira o altar.

Melathor chorava e se lamentava desolado, apoiado em seu macabro cajado de ossos humanos. Entretanto, o fazia em silêncio, como ditava a tradição.

O povo, impedido de ultrapassar os limites do templo, permaneceu reunido em volta do santuário, igualmente honrando o morto com o seu silêncio.

Varek encarou estarecido o próprio corpo sem vida, esparramado tal qual um animal abatido, sobre a padiola. Era no mínimo estranho, para não dizer surreal, ele ter de assistir ao próprio funeral. Por diversas vezes ele tentou se comunicar com os conterrâneos, os amigos e os parentes, mas por alguma obscura razão ninguém era capaz de escutar o que dizia, mesmo que ele berrasse a plenos pulmões. Também não eram capazes de vê-lo. Era como se ele não existisse, como se não estivesse ali...

Após inúmeras tentativas, todas frustradas, Varek desistiu. E resignou-se em sua nova condição.

Ainda estavam no fim da manhã quando as despedidas terminaram. Nenhuma palavra foi pronunciada. O povo de Wiltshire simplesmente se despediu de seu líder e foi embora, deixando o corpo enrijecido sobre a plataforma partida do antigo altar, de só seria retirado ao crepúsculo solar.

E Varek viu-se obrigado a ter de suportar a funesta companhia do próprio corpo sem vida durante todo o resto daquele dia.

No cair da noite, o cadáver do assassino de irmãos foi enfim removido para a “*Casa dos Mortos*”, que ficava ao sul da aldeia, não muito longe dali, escondida sob o

bosque de avelaneiras. Varek sabia que o seu corpo seria largado lá para apodrecer e servir de alimento aos vermes, abutres, corvos e animais carnívoros da floresta. Era o costume do seu povo para com os mortos. Acreditavam que desta forma se fechava o ciclo da natureza e o espírito do falecido poderia descansar em paz.

Os dois guerreiros, os mesmos que o haviam trazido, ergueram a padiola outra vez e se encaminharam para a “*Porta do Sol*”, refazendo o caminho pelo qual tinham vindo com Melathor, o flautista e os demais seguindo-os em uma nova procissão.

E, um por um, os contemporâneos de Varek de Wiltshire deixaram o “*Templo do Céu*”, para nunca mais retornarem.

X

Vários séculos se passaram. E por muito tempo as únicas companhias do espírito guardião do velho “*Templo do Céu*” foram o remorso e as dolorosas lembranças de um passado distante e perdido, além de um jovem carvalho que floresceu, do nada, onde antes ficava localizado o altar do santuário abandonado, entre as duas metades da tábua-mor, partida pelo raio dos deuses.

Dos anéis concêntricos originais de troncos de carvalho, restavam apenas dois ou três troncos isolados que não haviam apodrecido totalmente por conta das ações do tempo e das intempéries climáticas. Ou seja, o antigo templo já não existia mais.

Em contrapartida, o poder invisível e místico que encarcerava Varek permanecia inabalável. O atormentado espírito fazia novas tentativas de deixar o santuário todos os dias, várias vezes entre o alvorecer e o crepúsculo. Todavia sempre tinha o intento malgrado pela intransponível barreira mágica. Não fosse o jovem carvalho a fazer-lhe companhia, Varek achava que teria enlouquecido. Muitas vezes, durante aqueles séculos de solidão e de abandono, ele se pegara conversando com a árvore. Ela foi sua

melhor amiga. Desabafava com ela, contava-lhe a sua triste história, pedia-lhe perdão pelas suas iniquidades e pelo crime que agora pagava, ria e chorava à sua sombra. E ela nunca retrucava ou o recriminava. Apenas escutava-o, atenciosa e muda.

E assim, vagando solitário e triste por entre a dimensão dos vivos e a dos mortos, apenas com o carvalho por fiel companhia, Varek se tornou um atento espectador da História.

Até que chegou a Idade do Bronze... E, com ela, iniciou-se uma nova era para o antigo monumento de adoração aos deuses de Wiltshire.

XI

Em algum momento próximo ao ano 3.000 a.C...

Varek não se recordava com exatidão quando, mas foi num determinado dia que eles vieram. Os novos habitantes de Wiltshire. E, sem mais nem menos, deram início às obras de edificação do “*henge*” – monumento megalítico – que hoje conhecemos.

Impossibilitado de se ausentar do templo, Varek limitou-se a observar etapa por etapa da construção.

Antes de começarem as obras de fato, os novos construtores decidiram que seria importante limparem o terreno. E fazendo uso de vários homens musculosos, alguns escravos e outros voluntários da própria tribo, eles arrancaram os poucos troncos de carvalho restantes do antigo templo. Contudo, nenhuma dor foi mais forte para Varek do que ter de assistir, impossibilitado de reagir por conta de sua condição etérea, ao seu fiel companheiro e confidente, o centenário carvalho, ser arrancado e levado para longe dali.

Por muito tempo, ele sofreu calado. Mergulhado na mais profunda dor, gerada pela ausência do amigo de tantas conversas e desabafos. Mas, com o passar dos anos,

a dor foi amainando e Varek acabou superando o sofrimento da perda, passando a se concentrar, exclusivamente, na fiel observância das obras do novo templo.

No princípio, o santuário não passava de um fosso circular delimitado por uma alta barreira de terra em seu interior e outra mais baixa no círculo exterior. No centro, os escravos de seus construtores escavaram um anel de buracos a fim de delimitarem a posição dos novos pilares que, segundo diziam eles, deveriam estar perfeitamente alinhados com os eventos celestes.

E então chegaram as primeiras pedras...

Os colossais blocos de arenito eram puxados sobre robustos trenós de madeira, tanto por bois como por homens que suavam e sangravam, a fim de trazê-los para dentro do perímetro do novo templo.

Vencida essa difícil etapa, com bastante sofrimento e entre erros e acertos, os construtores começaram a erguer as gigantescas pedras. Uma de cada vez. Era um trabalho árduo e complicado, que demandava muito tempo para ser concluído. Certos blocos precisaram de vários dias para ser movidos até seus respectivos lugares e outro tanto para serem retirados dos trenós e levantados com o uso de cordas puxadas por juntas de bois e homens até deslizarem para dentro dos buracos a eles destinados, a maioria ficando com a base totalmente enterrada.

A cada nova pedra que chegava mais impressionado e admirado o espírito ficava com o tamanho e o peso das mesmas. E quase não acreditou quando a pedra-mãe, ou “*Pedra do Sol*”, foi deixada no centro do lugar. A “*Hell Stone*”, como também passou a ser conhecida, necessitou do dobro de bois e de homens e do triplo de dias para ser deslocada até o lugar, retirada do trenó, erguida, ajustada e firmada.

O tempo transcorria normalmente. Distraído com o espetáculo de acompanhar de perto o andamento de tão maravilhosa obra arquitetônica, o fantasma não o sentia passar...

Varek divertia-se tentando adivinhar como os construtores fariam para cumprir a próxima etapa. De que artifícios eles se utilizariam para erguer a próxima pedra. Ou que novas surpresas os aguardariam na próxima etapa.

Os anos passavam... Os séculos passavam... E ele não se importava.

Até que, em determinado dia por volta do ano 2.150 a.C. aconteceu algo notório: excepcionalmente chegaram do Ocidente algumas pedras azuis.

Varek logo se encantou com a beleza dessas novas pedras, pois nunca antes tinha visto algo parecido. Elas eram lindas e possuíam um magnetismo especial.

Os enormes blocos azuis, perfeitamente cortados e lapidados, foram erguidos em um duplo círculo. E, para a absoluta perplexidade de Varek, sobre os mesmos foram assentados magníficos lintéis*, ligando-os uns aos outros.

Ele ficava extasiado de admiração cada vez que os vislumbrava.

Nesta mesma época foi construída uma avenida de acesso ao novo monumento, marcada por valas paralelas, alinhadas com o sol nascente do primeiro dia do verão, sendo que também a entrada do templo foi alargada.

No entanto, para o desgosto do espírito guardião, em 2.075 a.C., apenas setenta e cinco anos após serem erguidas, as suas queridas pedras azuis foram derrubadas, cedendo o seu lugar para novas pedras, de exacerbadas dimensões: os famosos blocos megalíticos, com mais de cinco metros de altura e que pesavam cerca de vinte e cinco toneladas cada um. Os mesmos blocos que até hoje predominam na exótica paisagem de Stonehenge.

E a decepção de varek só não foi maior porque em algum momento entre os anos de 1.500 a.C. e de 1.200 a.C. aproximadamente sessenta daquelas pedras azuis de que tanto gostava foram restauradas e novamente erguidas no círculo interno, com outras dezenove velando-as em forma de ferradura, dentro do mesmo anel.

* **Lintéis** = blocos esculpidos na horizontal (nota do autor).

Foram aproximadamente trinta milhões de horas de exacerbado trabalho, desde a retirada dos apodrecidos postes de carvalho do antigo “*Templo do Céu*”, para que o novo santuário finalmente ficasse pronto.

Varek sentiu-se feliz, pois acompanhara, passo a passo, todo o processo. E mais ainda porque ele sabia que aquele magnífico monumento seria o seu lar pelo resto da eternidade.

XII

Na noite do solstício de inverno do ano 1.200 a.C...

O povo daquela geração se reuniu em volta do “*Templo das Pedras Suspensas*” para celebrar a “*Festa do Imbolc*”.

Varek também estava lá. Observando tudo, animado e ansioso.

Naquele ano, a festa seria especial, pois marcaria o início das atividades no novo templo, com a sua consagração ritual. A noite da consagração mostrava-se propícia, pois fazia calor e não havia nuvens no céu.

O espírito não fazia a menor ideia de como seria a cerimônia, mas prejudgava que deveria ser como na sua época, com o sacrifício de sangue de um boi ou vitelo.

A única coisa que não se encaixava nas suas lembranças era a vala de um metro de comprimento por meio de largura e um de profundidade, escavada a dois passos da tríade de pedras azuis que compunha o altar central. Varek não conseguia sequer imaginar a que ela se destinava.

E a cerimônia teve início, quando uma fila de sacerdotes despontou ao longe, no começo da avenida de acesso. Eles andavam lentamente, entoando hinos e cânticos que o povo inteiro conhecia e acompanhava. Alguns sacerdotes portavam flautas e outros instrumentos musicais que o espírito de Varek jamais tinha visto, entretanto

produziam belas notas.

As vestimentas longas da população e dos sacerdotes logo chamaram a atenção de Varek, pois não condiziam o calor que fazia. Eram peles grossas e compridas de animais e túnicas multicores, a maioria com capuzes que ocultavam as faces de seus donos, e muitas das quais ele não era capaz de dizer a qual animal havia pertencido.

Os sacerdotes adentraram os anéis de pedra pela “*Porta do Sol*” e posicionaram-se em meia lua ao redor do altar, retirando os capuzes.

Varek percebeu, estarrecido, que alguns dentre eles eram mulheres.

Mulheres agora entravam e saíam livremente do templo?

Mas perplexo de verdade, ele ficou quando observou que o líder dos sacerdotes igualmente era uma mulher!

Uma feiticeira que trajava uma capa inteiriça de pele de texugo, com um xale de lã de carneiro cobrindo-lhe a escassa cabeleira branca. Julgou tratar-se de uma bruxa, pois aparentava ser muito velha. Mais velha do qualquer homem ou mulher alguma vez já fora. Tão velha que era impossível calcular a sua idade.

A um sinal da sacerdotisa anciã, outro sacerdote, desta vez do sexo masculino, adentrou o círculo pétreo arrastando pela mão, o que Varek julgou ser um anão. Ele não tinha certeza que se tratava mesmo de um anão, pois o baixinho também estava encapuzado. Na outra mão o sacerdote portava um amedrontador machado de duplas lâminas, talhadas em pedra vulcânica e extremamente afiadas.

Varek fitou a arma, depois o anão; e teve um mau pressentimento...

Porém resolveu apenas observar sem tirar conclusões precipitadas.

Ao pararem na frente da feiticeira, a velha esticou as mãos e deitou o capuz do anão, revelando o rosto do pequenino.

Varek só não desmaiou de susto porque fantasmas não desmaiam.

O anão não era um anão, e sim uma criança! Um garotinho de tenra idade que,

pelos sinais com que os sacerdotes se comunicavam com ele e vice-versa, deveria ser surdo-mudo.

A bruxa o fez beber de uma poção esverdeada, que devia ser algum tipo de poção dos sonhos, e o deitou sobre o altar, de barriga para cima.

Varek olhou novamente para o machado na mão do sacerdote e seu olhar voltou-se para a vala perto do altar que lhe chamara a atenção instantes atrás.

E então ele compreendeu...

A infeliz criança, por ser deficiente, seria oferecida aos deuses, de modo que, ao ser sacrificada, ela tornar-se-ia mensageira dos deuses e guardiã do templo que estava prestes a consagrar com o seu sangue inocente.

Ele próprio era um fratricida, assassino de irmãos. Mas há muito vinha pagando por seus crimes, de modo que adquirira consciência do quanto era errado matar seus semelhantes. E se era errado matar um adulto, o que dizer da monstruosidade de se tirar a vida de uma criança inocente? Não. Ele não podia permitir que aqueles loucos prosseguissem com o ritual.

— Não deite aí! — Varek gritou para o garoto, antevendo o destino cruel que lhe estava reservado.

Nada. Ninguém o escutou. Frustrado, virou-se para os sacerdotes.

— Parem! Não façam isso, seus *molots**, assassinos de crianças!

Novamente ninguém o escutou. E o ritual prosseguiu.

O sujeito com o machado se aproximou do altar sem pronunciar palavra alguma, e se preparou para cumprir a sua obrigação, erguendo a arma com ambas as mãos. O menino parecia não se importar com o que estava ocorrendo, ou simplesmente não atinava para o que lhe aconteceria quando o machado descesse.

O povo todo estava em silêncio. Um silêncio ansioso. Um silêncio sepulcral. Um

* *Molot* = expressão que significava “monstro” na língua natal de Varek (nota do autor).

silêncio nefando, desejoso de sangue e de morte.

Movido pelo desespero da situação, Varek jogou-se contra o assassino. Mas para a sua total incredulidade, passou através do homem, caindo no lado oposto do altar. Fato que só serviu para aumentar a aflição do espírito.

A feiticeira grunhiu algumas frases em uma língua estranha, que o espírito não conhecia. E, com um aceno de cabeça, deu o sinal verde.

Para Varek restou apenas assistir ao desfecho da tragédia, mergulhado na agonia da impotência e da inconformidade.

Quando o carrasco desferiu o golpe, Varek ainda tentou bloquear o avanço da lâmina de pedra vulcânica, mas foi totalmente incapaz, visto que a mesma atravessou a sua mão como se a mesma nem existisse e prosseguiu em seu curso até encontrar o objetivo. O sangue espirrou para todo o lado, enquanto a criança, com o crânio aberto ao meio, morria sem soltar sequer um som.

Varek não recordava mais o que aconteceu depois. Só que aquela noite macabra inaugurou uma fase negra na história de Stonehenge.

A hedionda fase dos sacrifícios humanos.

XIII

Em algum momento, por volta do ano 1.100 a.C...

— Até quando a matança vai durar? Até quando eles vão insultar os deuses com essas mortes? – o espírito de Varek se perguntava a cada nova consagração sacrificial realizada no santuário que ele jocosamente apelidara de “*Templo da Morte*”.

Cem anos já haviam transcorrido desde a fatídica noite do primeiro sacrifício. E a cada ano uma nova criança era assassinada na noite do “*Imbolc*” e outra na noite do “*Samhain*”. Duas crianças inocentes por ano...

O monumento inteiro cheirava a sangue. E ele indagava-se, saudoso de seu velho companheiro, o carvalho com quem podia desabafar:

— Quando os malditos assassinos vão acordar para o fato de que os deuses não aprovam tais atos hediondos? Que os deuses não desejam, nem nunca desejaram, ser alimentados com sangue inocente? Que a terra sob este templo não pode e nem deve ser tingida de vermelho toda vez que uma cerimônia, seja de origem religiosa ou não, é realizada neste lugar?

De tanto implorar aos deuses para que fizessem cessar aquelas atrocidades, um dia Varek teve as suas preces atendidas.

De repente, sem explicação alguma, ninguém mais apareceu.

Os anos passaram. E o templo novamente foi abandonado.

Para o alívio de Varek foi o fim do “*Templo da Morte*” e da era dos sacrifícios...

Com o passar dos séculos, os anéis de pedra foram se deteriorando. Alguns deles caíram e outros racharam, sobrando apenas uns poucos de pé.

Varek presenciou, com o coração apertado, a queda de cada lintel e de cada bloco vertical, assim como o surgimento de cada rachadura nas pedras que se mantinham firmes. E acompanhou, entristecido, o crescimento da vegetação por todo o lugar.

Mas pelo menos ele estava novamente sozinho e em paz. A sua felicidade só não era completa por três fatores: continuava como prisioneiro das agora ruínas do antigo santuário, pelo remorso que ainda sentia pelo assassinato do irmão e por não ter mais o carvalho amigo para conversar e desabafar.

XIV

Em algum momento, subsequente ao ano 300 a.C...

A paz de Varek foi novamente ameaçada pela chegada de um novo povo, e com a

retomada das cerimônias no templo.

Contudo a ameaça não passou disso, pois os Druidas, como eram conhecidos os sacerdotes do “*Povo Celta*”, logo o conquistaram pelo simples fato de que seus rituais possuíam cunhos pacíficos e de louvor à natureza. E, com eles, iniciou-se uma nova fase para o espírito: a fase do “*Templo da Vida*”.

As ruínas, entretanto, nunca mais foram restauradas. Nunca mais possuíram a glória e a beleza que haviam tido no passado. Apesar disso, Varek nunca foi tão feliz.

No “*Templo da Vida*” ele assistiu à ordenação de um Mago que mais tarde ficaria famoso por conjurar um encantamento em uma espada mística fincada numa rocha, de modo que somente um jovem rei de coração e alma nobres conseguiria retirá-la. De lá, Varek acompanhou a passagem de grandiosos exércitos pela planície em torno do monumento. Assistiu a ferozes batalhas. Presenciou assinaturas de tratados de paz e de armistícios. Comemorou os nascimentos e chorou as perdas de grandes heróis. Contemplou o amor de homens e mulheres. Testemunhou muitos dias de sol e noites tempestuosas. Encantou-se com os rituais místicos dos druidas de adoração à vida e à natureza. E presenciou inúmeras coroações, casamentos, ritos de passagem, funerais, comemorações de solstícios, rituais de colheitas, de cunho astrológico e astronômico nas ruínas que se transformaram em sua casa eterna...

Até que, por fim, tornou-se um prudente observador da evolução humana e um profundo admirador das tradições celtas.

Aquela foi, sem dúvida, a melhor fase de sua controversa existência...

XV

De volta ao presente...

Os primeiros raios do sol atingiram Stonehenge, banhando com a sua luz e o seu

calor as “*Hanging Stones*”; e juntando-se a elas em sua eterna dança de gigantes. Uma linda manhã de primavera despontava na planície de Salisbury, ao passo que outra lacônica noite de intensas recordações se findava.

Com o alvorecer do novo dia, as excursões logo começariam a chegar. E Varek, de súbito, se viu arrancado dos seus devaneios e lembranças, concluindo entristecido que, de sua época e da gloriosa época dos druidas até agora, tudo havia mudado.

Wiltshire deixou de ser o nome de uma acanhada tribo guerreira da Idade do Bronze para se tornar o epíteto de todo um condado. A sua antiga aldeia progrediu e atualmente se transformara no que conhecemos como “*Durrington Walls*”. A enorme barreira natural que existia em volta do “*Templo da Vida*” atualmente não passava de uma apagada sombra no chão. E Stonehenge, propriamente dito, já não era mais do que um aglomerado de ruínas megalíticas decadentes.

A maioria dos visitantes, por não conhecer a magnífica e controversa história do lugar, não lhe creditava o devido valor. Muitos ficavam desapontados com o estado de conservação deplorável em que o monumento se encontrava. Outros consideravam as ruínas assustadoras e enigmáticas. Já os mais esclarecidos, tinham-nas como uma admirável associação da enigmática e ousada arquitetura megalítica ancestral com os mais recônditos anseios da humanidade de se comunicar com os seus deuses.

Mas ele, apenas ele, Varek de Wiltshire, conhecia a verdadeira origem e história daquele fantástico monumento. E, ao que tudo indicava, apenas ele, por conta de sua condição de eterno prisioneiro das ruínas, seria testemunha do que o futuro ainda reservava para o fascinante lugar.

Afinal de contas, até o Fim dos Tempos e enquanto o mundo existisse, Varek de Wiltshire continuaria sendo...

“*O Espírito de Stonehenge*”.

(ILUSTRAÇÃO)
“O ESPÍRITO DE STONEHENGE”

DE VOLTA AO ANO DE 2446 d.C.

Jonas mais uma vez estava maravilhado com o conto que acabara de ler.

— Eu adoro essa técnica que vocês usam de terminarem seus contos com o título dos mesmos e sempre de forma impactante; de misturarem mitologia e história com ficção; e de surpreenderem o leitor a todo instante com reviravoltas mirabolantes! — disse ele.

“Obrigada querido. É sempre gratificante saber que antigimos o nosso objetivo de transmitir aos leitores agradáveis momentos de lazer e de descontração, através das fantásticas viagens pelo universo mágico da ficção e da fantasia que só os livros são capazes de proporcionar” — Jaqueline agradeceu com expressão alegre.

— Bota viagem bacana nisso! — Jonas anuiu. — Este último conto, por exemplo, despertou-me para sentimentos extremos. No início senti muita raiva do personagem central; e no decorrer da estória acabei ficando com pena dele...

“Essa foi justamente a intenção que tivemos ao escrevê-lo: mostrar a evolução do Varek, da sua personalidade e do seu caráter com o passar do tempo, e em meio aos inúmeros conflitos psicológicos que ele precisou suportar devido ao remorso e ao castigo eterno imposto pelos deuses” — Márson comentou.

Jonas já estava pronto para entrar em um longo debate a respeito do texto que acabara de ler e que adorara, quando foi interrompido por um barulho na direção da porta de entrada da biblioteca abandonada.

Ao virar-se para lá, deparou com um grupo de pessoas encarando-o. Só então, ele reparou que o dia já havia chegado e o sol brilhava alto no céu da manhã. A noite passara e ele nem sentira.

Jonas imediatamente reconheceu o grão-mestre, à frente dos demais membros da sociedade em que ele pretendia ingressar. O seu coração disparou como se fosse

saltar pela boca e um súbito nervosismo o dominou de repente ao concluir que havia superado o desafio imputado por eles.

E aqueles homens e mulheres pararam em frente à mesa sobre a qual repousava o baú com os originais perdidos dos Alquati.

– Vejo que você conheceu os nossos mentores literários! – o grão-mestre sorriu para o garoto, cumprimentando os espíritos escritores dos Alquati com um respeitoso aceno de cabeça, sendo prontamente correspondido por Márson e Jaqueline. – E eu igualmente ousou deduzir que você cumpriu com êxito o ritual de iniciação que lhe foi proposto; e pelo qual todos nós também já passamos um dia. Portanto, senhor Jonas, seja muito bem-vindo à “*Irmandade dos Contadores de Histórias*”!

EPÍLOGO

Muitas vezes depois, Jonas retornou à biblioteca abandonada para encontrar-se com os seus autores e mentores prediletos e ler os originais que ainda restavam.

Em um determinado dia, enquanto terminava de ler um dos últimos contos do desgastado baú, a fim de buscar inspiração para o romance que pretendia escrever em breve, ele subitamente teve uma visão. Uma visão que alterou os seus planos.

E, a partir daquele momento, ao invés de dedicar-se a um livro solo qualquer, Jonas passou a organizar uma antologia diferenciada, com uma trama de fundo, e cujo foco principal era o extraordinário material do “*Baú das Histórias Fantásticas*”. Os fascinantes contos de ficção fantástica escritos, no século XXI, pelo consagrado casal de contadores de histórias que ele tanto admirava: Márson e Jaqueline Alquati.

Jonas dedicou a sua bem sucedida carreira de escritor, assim como boa parte do tempo livre de que dispunha, para transmitir às futuras gerações o magnífico legado literário deixado pelos seus amigos do além, inserindo-os como os protagonistas da própria narrativa.

Desta forma, os Alquati – que sempre apreciaram ler, escrever e contar histórias – viraram os personagens principais da mais ilustre delas.

E, por conta disso, quando a célebre obra “*A IRMANDADE DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS*”, escrita e fielmente adaptada por Jonas, ficou pronta e foi publicada, de forma simultânea, no mundo todo, transformando-se no maior bestseller global de todos os tempos, tornaram-se, também eles, os Alquati, verdadeiramente imortais.

Imortais como os livros que os próprios Márson e Jaqueline tanto amaram em vida; e que continuariam amando, mesmo depois de desencarnados, pela eternidade afora...